

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ARQUIVO NACIONAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO
E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

DOLORES CASTORINO BRANDÃO

**REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS:
CONTRIBUIÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO
DO MUSEU INSTRUMENTAL DELGADO DE CARVALHO
DA ESCOLA DE MÚSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)**

Rio de Janeiro
2013



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



ARQUIVO NACIONAL

DOLORES CASTORINO BRANDÃO

**REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS:
CONTRIBUIÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO
DO MUSEU INSTRUMENTAL DELGADO DE CARVALHO
DA ESCOLA DE MÚSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento, conferido pelo convênio entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Arquivo Nacional.

Orientadora: Professora Maria José Veloso da Costa Santos
Coorientadora: Professora Vânia Lisbôa da Silveira Guedes

Rio de Janeiro
2013

Brandão, Dolores Castorino.

Representação documentária de instrumentos musicais: contribuição para a organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Dolores Castorino Brandão – Rio de Janeiro, 2013.

129 f. : il. ; 30.cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Arquivo Nacional).

Orientadora: Maria José Veloso da Costa Santos; Coorientadora: Vânia Lisboa da Silveira Guedes.

Referências: f. 104-111.

Anexo: Classificação resumida dos instrumentos musicais de acordo com Hornbostel-Sachs. Trad. Eduardo Monteiro Neves.

1. Representação da informação. 2. Organização da informação. 3. Instrumentos musicais. 4. Museu Delgado de Carvalho. I. Santos, Maria José Veloso da Costa. II. Guedes, Vânia Lisbôa da Silveira. III. Neves, Eduardo Monteiro. IV. Título.

CDD: 025.32



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



ARQUIVO NACIONAL

DOLORES BRANDÃO

**REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS:
CONTRIBUIÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO
DO MUSEU INSTRUMENTAL DELGADO DE CARVALHO
DA ESCOLA DE MÚSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento, conferido pelo convênio entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Arquivo Nacional.

Aprovado(a) em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Maria José Veloso da Costa Santos – UFRJ
Mestre em Ciências da Informação
Orientadora

Prof^a. Vânia Lisboa da Silveira Guedes – UFRJ
Doutora em Linguística
Coorientadora

Prof^o André Luiz de Campello Duarte Cardoso – UFRJ
Doutor em Musicologia
Professor Convidado

*A meu filho Matheus, precioso presente de Deus para a minha vida,
dedico esse trabalho.*

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, a quem reconheci há 48 anos como Salvador e Senhor da minha vida.

A Ângela, José Carlos, Fernanda, Leonor, Liliam, Marcela, Matheus, Niel, Márcia, Rafaela, Sandro e Tânia, pelas orações. Deus é Fiel.

A D. Mercedes Reis Pequeno, ilustre bibliotecária musicista a quem eu tenho a honra de chamar de amiga, minha gratidão pelo apoio e incentivo em todos os momentos.

Ao professor Eduardo Monteiro, que percorreu comigo toda esta pesquisa, pelo incentivo, pela amizade e pela dedicação a este trabalho, meu agradecimento especial.

Às minhas orientadoras, professoras Maria José Santos Veloso (queridíssima Mazé) e Vânia Lisboa da Silveira Guedes, pelos ensinamentos, pelo incentivo e por estarem sempre prontas para responder meus e-mails com informações que foram essenciais para a realização deste trabalho. Obrigada por toda a dedicação e paciência.

Aos professores Alysio de Mattos, Eduardo Monteiro, Paulo Sá e Pedro Sá, pela assessoria constante na identificação dos instrumentos do museu durante estes quatro anos de trabalho. Sem vocês eu não teria conseguido. Meu respeito e agradecimento a todos.

Ao professor André Cardoso, honrado diretor da Escola de Música, meu agradecimento pela confiança no meu trabalho na organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho.

Ao professor Antônio José Augusto, por ter facilitado a minha pesquisa contribuindo generosamente com indicações de texto para o levantamento histórico do museu. Agradeço com carinho.

Aos professores que contribuíram na identificação dos instrumentos e com textos para a catalogação na Base Minerva: André Cardoso, Cristiano Alves, David Alves, Mônica Isabel Lucas (USP), Patrícia Aguillar, Rogério Budasz (University of California) e Samuel Araújo. Obrigada pelo grande apoio e auxílio nas pesquisas.

A Carlos Alberto Moreira pela formatação deste trabalho e a José Carlos pela revisão gramatical. Obrigada pelo cuidado e dedicação.

Aos meus pais que me ensinaram a amar a Deus acima de todas as coisas e aos meus irmãos Martinho, Niel, Eliezer, Liliam, Leonor, Silvino, Saulo e Moisés, embora longe

fisicamente, somos uma família e um só corpo em Jesus, e especialmente às minhas irmãs Leonor e Liliam, e a Rebeca, minha sobrinha, por serem minhas amigas queridas.

A equipe da Biblioteca Alberto Nepomuceno, a quem eu tenho a grande honra de chefiar há 15 anos, especialmente à bibliotecária Suelen Dias e Renan Fontes pelo apoio durante todo o período de aulas do curso. Obrigada a todos.

A Maria Helena Trindade, diretora do Museu da Música de Lisboa que generosamente me enviou uma cópia do seu livro que foi essencial para a realização desta pesquisa. Muito obrigada.

Às queridas colegas do Curso de Pós-Graduação, Alessandra, Beth e Bruna, por todos os momentos que passamos juntas e que vou levar comigo para sempre. Obrigada pela amizade.

*Meu filho, se você aceitar as minhas palavras e guardar
no coração os meus mandamentos; se der ouvidos à
sabedoria e inclinar o coração para o discernimento;
se clamar por entendimento e por discernimento
gritar bem alto, se procurar a sabedoria como se procura
a prata e buscá-la como quem busca um tesouro escondido,
então você entenderá o que é temer ao Senhor e achará o
conhecimento de Deus. Pois o Senhor é quem dá sabedoria;
de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento.*

*Ele reserva a sensatez para o justo; como um escudo
protege quem anda com integridade, pois guarda a vereda
do justo e protege o caminho de seus fiéis.*

*Então você entenderá o que é justo, direito e certo, e
aprenderá os caminhos do bem. Pois a sabedoria entrará
em seu coração, e o conhecimento será agradável à sua alma.*

*Glória pra sempre, ao Cordeiro de Deus
A Jesus, o Senhor, ao Leão de Judá
À raiz de Davi, que venceu e o livro abrirá
O céu, a terra e o mar, e tudo o que neles há
O adorarão, e confessarão:
Jesus Cristo é o Senhor!*

*Ele é O Senhor, Ele é O Senhor!
Ressurreto dentre os mortos, Ele é O Senhor
Todo joelho se dobrará, toda língua confessará
Que Jesus Cristo é O Senhor!*

*Cântico espiritual inspirado
em Apocalipse 5:5 e Filipenses 2:9-11*

RESUMO

Aborda a representação temática e descritiva de acervos de instrumentos musicais para fins de recuperação da informação. Esta pesquisa teve como ponto de partida o acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O tratamento técnico de um instrumento musical devido às suas peculiaridades exige uma descrição mais detalhada que o represente adequadamente. A insuficiência de normas existentes para esse fim e a escassez de estudos sobre o tema no Brasil, ensejaram a realização desse trabalho que inicia com estudos de normas e padrões nas áreas de Biblioteconomia, Museologia e na Organologia que possam ser utilizadas para representar esses artefatos e assim, atender a demanda de uma comunidade de usuários que necessita de informações específicas. Com esses estudos, obteve-se como resultado uma proposta para a representação de instrumentos musicais na base Minerva da UFRJ, utilizando-se os padrões biblioteconômicos AACR2 e MARC 21 bem como, um protótipo de vocabulário controlado no campo em estudo, contribuindo para a organização de acervos de instrumentos musicais do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da UFRJ. A pesquisa também evidenciou a necessidade de estudos complementares em linguagem documentária especializada na área de música, visando a construção de um thesaurus no domínio de instrumentos musicais.

Palavras-chave:

Representação descritiva - Instrumentos musicais - Classificação de instrumentos musicais - Linguagem documentária.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Capa do catálogo do Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro

Figura 2 Vitrine armário localizada no corredor da Escola de Música em 1974, contendo alguns instrumentos

Figura 3 Mayuri Vina - instrumento indiano da classe dos cordofones em forma de pavão

Figura 4 Naqqara, instrumento árabe da classe dos membranofones, pequeno tambor, antecessor dos modernos tímpanos

Figura 5 Exemplo de Representação na Base Minerva: Flauta de madeira

Figura 6 Exemplo de Representação na Base Minerva: Saltério

Gráfico 1 Percentual dos instrumentos musicais segundo a classificação organológica

Quadro 1 Classes e Subclasses do Sistema de Classificação de Victor-Charles Mahillon

Quadro 2 Classes do Sistema de Classificação Hornbostel-Sachs

Quadro 3 Divisão Estrutural do Catálogo de Delgado de Carvalho

Quadro 4 Divisão Classificatória do Inventário de Luciano Rolla

Quadro 5 Inventários do Acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho

Quadro 6 Equivalência do estudo de descrição com o formato MARC 21

Quadro 7 Relação dos Instrumentos Musicais da Coleção do Museu Instrumental Delgado de Carvalho

Quadro 8 Ocorrência de termos na literatura analisada

Quadro 9 Legenda do micro-vocabulário

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVOS	16
3	ABORDAGEM TEÓRICA	17
3.1	Organização da informação: o uso de padrões	17
3.2	Representação Descritiva na Biblioteconomia e na Museologia	21
3.3	Representação Temática: Sistemas de Classificação	25
3.3.1	<i>Classificação de Victor-Charles Mahillon</i>	29
3.3.2	<i>Classificação de Hornbostel –Sachs</i>	30
3.4	Representação Temática: Linguagem documentária no domínio de instrumentos musicais	33
4	METODOLOGIA E MATERIAL	36
4.1	A Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro	39
4.2	O Museu de Leopoldo Miguez: Museu Instrumental Delgado de Carvalho	40
4.3	As Fases de Organização	43
4.3.1	<i>Livro de Inventário de 1890-1895 – Organização de Leopoldo Miguez</i>	43
4.3.2	<i>Catálogo de 1905 - Organização de Delgado de Carvalho: O Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro</i>	43
4.3.3	<i>Inventário manuscrito de 1973 – Organização de Mary Hugo Braga Pinto Coelho: Tentativa de reconstituição do Museu Instrumental da E.N.M</i>	47
4.3.4	<i>Inventário de 1974 - Organização de Luciano Rolla: Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho</i>	48
4.3.5	<i>Inventário de 1990 - Organização de Léo Soares: Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho</i>	50

4.3.6	<i>Inventário de 1994 – Organização de Afifi Craveiro de Almeida: O Museu Instrumental Delgado de Carvalho : Breve Notícia</i>	51
4.3.7	<i>O Inventário de 2008 – Organização de Dolores Castorino Brandão: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho</i>	51
4.3.8	<i>Inventário de 2013 – Organização de Dolores Castorino Brandão: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho: 1890-2013</i>	52
5	O MUSEU ATUAL	53
6	RESULTADOS	56
6.1.	Inventários	56
6.2	Proposta de Organização Descritiva do Museu Delgado de Carvalho	58
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICES	80
	ANEXO	121

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a organização e representação da informação no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação tornou-se um campo de estudo cada vez mais discutido, impulsionando o desenvolvimento de modelos teóricos e instrumentais que auxiliem nos procedimentos de organização, gerenciamento e recuperação de documentos, bem como têm levado bibliotecários e demais profissionais da documentação a analisar e reavaliar normas e padrões vigentes.

Desse contexto, o entendimento da demanda das necessidades de informação de uma comunidade usuária, torna-se um aspecto essencial a ser considerado pelo catalogador no processo de descrição física e de conteúdo em um sistema de recuperação da informação, visando otimizar sua precisão.

Embora os estudos na área de representação da informação, principalmente ao que diz respeito à catalogação, tenham se intensificado com a adoção de novos modelos conceituais, a representação de objetos tridimensionais, especificamente de instrumentos musicais, ainda continuam incipientes, não cobrindo os detalhes específicos para uma representação adequada. A normativa de catalogação empregada para tratamento de documentos nas bibliotecas é demasiadamente generalizada para este tipo de acervo e as normas de descrição utilizadas por musicólogos são específicas e conhecidas apenas pelo público do campo da Organologia¹, muitas vezes inacessíveis ao público menos especializado.

O tratamento técnico de um instrumento musical é complexo, conseqüentemente sua representação terá que ser forçosamente mais detalhada e exigirá um número maior de informações específicas para que seja representado adequadamente.

¹ Organologia é o estudo descritivo e analítico de instrumentos musicais.... Uma parte essencial da organologia é a classificação analítica de instrumentos de épocas e culturas diferentes; o desenvolvimento histórico dos instrumentos e suas aplicações musicais também podem se incluir nesta rubrica. (Dicionário Grove de Música, 1994, p.679)

Para buscar subsídios para a reorganização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho foram analisados, nesta pesquisa, além dos padrões adotados pela Biblioteconomia, três trabalhos especializados, na área de descrição de instrumentos musicais, no âmbito da Organologia e da Museologia:

- Normas de inventário: instrumentos musicais (TRINDADE, 2011), do Museu da Música de Lisboa;
- *Cataloguing standards for instrument collections* (MYERS, 1989), da Universidade de Edimburgo; e
- Princípios básicos da museologia (COSTA, 2006), do Sistema Estadual de Museus do Paraná.

Para a descrição temática, devido à sua complexidade - instrumentos musicais podem ser classificados, segundo a literatura, de muitas formas -segundo diferentes finalidades e de acordo com os critérios de categorização proposto por um determinado estudioso.

Esta problemática contribuiu para o surgimento de diversas classificações desde a Antiguidade, como por exemplo, o sistema *Bayin* na China ou o antigo sistema indiano, que influenciou a elaboração da sistemática proposta por Victor-Charles Mahillon no século XIX. Apesar da diversidade de classificações, o sistema mais completo e de abrangência internacional para instrumentos musicais, foi criado em 1914 por Hornbostel-Sachs. Esse sistema foi o adotado neste estudo.

Para melhor entendimento da classificação de Hornbostel-Sachs foi realizada uma tradução resumida pelo professor da Escola de Música da UFRJ Eduardo Monteiro a partir do original em alemão, confrontada com a tradução para o inglês por Anthony Baines e Klaus Wachsmann, publicada no *Galpin Society Journal*, volume 14, de 1961.

A presente pesquisa teve início no ano de 2008, a partir de um trabalho conjunto de bibliotecários e professores especialistas da Escola de Música da UFRJ para a organização do acervo de instrumentos musicais do Museu Instrumental Delgado de Carvalho, pertencente à mesma Escola.

Justifica-se sua relevância pela insuficiência de normas existentes para uso específico na descrição e recuperação de acervos de instrumentos musicais e na constatação da escassez de estudos produzidos sobre o tema no Brasil.

Diante disso, essa investigação coloca em evidência as seguintes questões:

- Normas e padrões internacionais utilizados na organização da informação, são adequadas para o tratamento de instrumentos musicais?
- É válida a utilização da descrição de instrumentos musicais usadas no campo da Organologia em consonância com as normas e padrões internacionais de organização da informação, no campo da Biblioteconomia?

Para responder a essas questões apresentam-se os objetivos da pesquisa, divididos em geral e específicos.

O texto do presente trabalho está estruturado nas seguintes partes:

- A primeira compreende a introdução, que mostra como se deu a aproximação com o objeto de estudo e o tema investigado e a justificativa;
- A segunda seção apresenta o objetivo geral e os objetivos específicos que norteiam a pesquisa;
- A terceira seção apresenta o referencial teórico em que a pesquisa foi embasada, abordando como principais temas: representação descritiva na Biblioteconomia e na Museologia, representação temática e controle de vocabulário, na Biblioteconomia; e, os sistemas de classificação especializados para instrumentos musicais, no campo da Organologia;
- A quarta descreve o material e a metodologia utilizada. Apresenta-se um breve histórico da Escola de Música e do Museu Instrumental Delgado de Carvalho, ambos da UFRJ, identificando aspectos da criação e da formação da coleção, fases de organização do Museu de 1890 a 2013 e os inventários realizados;

- A quinta parte apresenta o Museu atualmente, relacionando todo o acervo por sua classificação organológica;
- A sexta constitui os resultados da pesquisa, apresentando a proposta de organização do acervo de instrumentos musicais, além de uma amostra de vocabulário controlado no domínio de instrumentos musicais dedilhados e friccionados por arco;
- A sétima e última seção, apresenta as considerações finais e algumas sugestões.

2 OBJETIVOS

Os objetivos da presente pesquisa estão agrupados em:

2.1 Objetivo geral:

- Propor um modelo de organização para o acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho de acordo com normas e padrões internacionais de organização da informação, no campo da Biblioteconomia, em consonância com a descrição de instrumentos musicais propostas por Trindade e Myers.

2.2 Objetivos específicos:

- Elaborar um inventário da Coleção do Museu Instrumental Delgado de Carvalho;
- Aplicar normas e padrões de organização da informação existentes na Biblioteconomia, Museologia e na Organologia para a representação descritiva e temática de instrumentos musicais;
- Elaborar um protótipo de vocabulário controlado para indexação de instrumentos musicais a partir das classificações especializadas já existentes na Organologia.

3 ABORDAGEM TEÓRICA

Pretende-se neste referencial teórico abordar as principais atividades que constituem a organização da informação: a catalogação, a classificação e a indexação, enfatizando a importância do uso dos padrões na normalização e recuperação da informação.

3.1 Organização da Informação: o uso de padrões

Atualmente o foco principal das pesquisas no âmbito da ciência da informação trata a organização da informação como dois processos distintos embora intrinsecamente ligados: a representação descritiva e a representação temática de documentos que tem a finalidade de organizar, gerenciar e recuperar a informação.

Segundo Fujita (FUJITA e outros, 2009, p.21) o conceito compreende:

[...] as atividades e operações do tratamento da informação, envolvendo para isso, o conhecimento teórico e metodológico disponível quanto ao tratamento descritivo do suporte material da informação e ao tratamento temático de conteúdo da informação.

Brascher e Café (2008, p.5), a partir desse conceito, definem organização da informação como:

[...] um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico.

Dessa forma, entende-se que a organização da informação diz respeito ao tratamento da informação no tocante à representação descritiva e à representação temática que compreendem as seguintes práticas: descrição física - escolha das entradas que

descrevem o documento; descrição de conteúdos - que trabalha com linguagens documentárias, classificação, indexação e elaboração de resumos.

Neste aspecto, a organização da informação é um processo sistematizado e para tal, necessita utilizar padrões e normas para possibilitar a recuperação efetiva da informação em todos os níveis.

A padronização de regras de descrição de forma e de conteúdo, surgiu da necessidade dos profissionais da informação, particularmente os bibliotecários, de transmitir as informações contidas nos documentos que compõem um dado acervo visando a sua disseminação e recuperação. Sua importância tem sido amplamente discutida sendo foco das principais pesquisas nacionais e internacionais na área de Biblioteconomia.

Santos (2007, p.2), referindo-se aos padrões para representação descritiva, defende que a utilização dos mesmos “definem, homogeneízam os dados e servem como sustentáculo para a recuperação da informação, de modo a atender aos usuários de forma eficiente e assim contribuir para a produção do conhecimento”.

Afirmativa que Corrêa (2008, p.20) concorda, acrescentando que a “necessidade de padronizar a forma de representação da informação contida em um item documentário possibilita sua transmissão e retransmissão por meio legível, a olho nu ou por máquina, fato que veio fortalecer a necessidade do estabelecimento de regras de descrição de forma e de conteúdo”.

Uma maior explanação sobre a adoção de normas e padrões é defendida por Mey e Silveira (2009, p. 136) em seu livro, *Catálogo no plural*, quando destacam que:

A adoção de normas permite: o intercâmbio da mensagem catalográfica entre instituições documentais no mundo, o que amplia as alternativas de escolha pelos usuários e auxilia outros profissionais; consistência sintática e semântica do registro bibliográfico, o que facilita o reconhecimento dos sinais e sua compreensão, pelo uso de linguagem comum.

Mey (1995) destaca, ainda, que antes de mais nada a representação documentária deve ser ligada às necessidades informacionais do usuário, independente da norma utilizada. Motivo pelo qual,

...o profissional da documentação deve estabelecer três características fundamentais para a realização do seu trabalho: o conhecimento do instrumento utilizado, a correta interpretação dos códigos e das normas adotadas, e a adequação dos padrões catalográficos normativos à compreensão de seu usuário (MEY, 1995, p. 7).

O uso de normas na representação da informação, na Biblioteconomia, não é novo. Em 1961, após a realização em Paris da Conferência Internacional sobre os Princípios de Catalogação, suas conclusões e recomendações ficaram conhecidas como Princípios de Paris. Aí foram estabelecidos os primeiros fundamentos para normas e regras de catalogação a serem aplicadas internacionalmente.

A Conferência de Paris, como ficou conhecida, reuniu catalogadores de diversas partes do mundo e tinha como objetivo apresentar uma proposta que abrangesse as seguintes questões: colocar os princípios da catalogação de forma internacionalmente aceita e escrever um relatório o qual deveria ser seguido para princípios a serem observados nas entradas de obras anônimas e de autoria coletiva.

No que concerne às normas de descrição bibliográfica em nível internacional, destaca-se o Código de Catalogação Anglo-Americano, segunda edição (AACR2), que embora não seja livre de críticas, ainda é o código mais usado e aceito internacionalmente. O AACR está em sua segunda edição revista, encontra-se traduzido para o português e está sendo substituído pelo "*Resources Description and Access*" (RDA).

Está constado pela literatura que o volume crescente de informações e os diversos meios de armazenagem fizeram com que as unidades de informação, como organizações responsáveis pelo tratamento, armazenamento e recuperação, criassem mecanismos para facilitar a recuperação e o uso. Com o auxílio das tecnologias de informação e documentação (TIC) catálogos foram automatizados propiciando, dessa forma, as bases de dados com acesso público e *on-line*, conhecidos como OPACS (*On Line Public Access Catalogs*). Isso vem permitindo, segundo Rosseto (1997, p.1) “o progresso das redes de comunicação de dados”, otimizando “o acesso significativo às informações disponíveis em nível mundial e atendendo aos variados requisitos da comunidade usuária”.

Já nos anos de 1960, a necessidade de criação de um formato para inserção de dados em computador, levou a Library of Congress (LC) a elaborar um formato de entrada de registros bibliográficos, conhecido como “*Machine Readable Cataloging*” (Catalogação Legível por Máquina) (MARC), atualmente o MARC 21. O formato MARC 21 está de acordo com a norma da International Standardization Organization (ISO) número 2709 que, junto com o protocolo de comunicação Z39.50, permite pesquisas e recuperação da informação em redes de computadores (ROSSETO, 1997). Essas normas em uso conjunto com o AACR2 favorecem o intercâmbio de dados bibliográficos e catalográficos em nível internacional.

O armazenamento, processamento e disponibilização dos catálogos de acervos bibliográficos, reforçaram a importância da criação de *softwares* específicos em formato MARC21. Dentre os utilizados, destaca-se o Aleph: *Integrated Library System*, sistema comercializado pela Ex-Libris, utilizado na automação de catálogos de acervos e serviços de bibliotecas, principalmente para acervos de grande porte. É bastante aceito no Brasil, automatizando os catálogos de alguns sistemas de bibliotecas de universidades brasileiras, dentre elas o Sistema de Informação e Bibliotecas (SiBI) da UFRJ.

3.2 Representação Descritiva na Biblioteconomia e na Museologia

A catalogação constitui um dos principais processos de tratamento técnico, sendo também conhecida como representação descritiva ou descrição bibliográfica. O termo representação consiste em perceber, descrever e interpretar uma informação. No procedimento, as informações contidas no documento, autor, título, local, edição, data, entre outros, são extraídas dos suportes de informação, tratadas, organizadas e representadas em um catálogo, ou base de dados, canais de comunicação entre o acervo e o usuário.

A definição de catalogação é entendido por Santos e Ribeiro (2003, p.45) como:

[...] um conjunto convencional de informações determinadas, a partir do exame de um documento onde são extraídas as informações descritas de acordo com regras fixas para se identificar e descrever este documento. A catalogação é conhecida também como Representação Descritiva, pois vai fornecer uma descrição única e precisa deste documento, servindo também para estabelecer as entradas de autor e prover informação bibliográfica adequada para identificar uma obra.

Mey (1995, p. 5), uma das profissionais que mais tem se preocupado em analisar o conceito, observa que a catalogação é:

o estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários.

Sendo assim, pode-se afirmar que a catalogação se caracteriza por descrever de forma única um documento, permitindo ao usuário saber quais registros do seu interesse a unidade de informação possui em seu acervo.

Durante muito tempo o principal suporte de informação tratado em bibliotecas foi o livro. Mais tarde, com o surgimento de novos suportes informacionais, os objetos com os quais trabalha a Biblioteconomia e demais áreas da Ciência da Informação, passaram a ser denominados de documentos, que no sentido mais amplo significa registro de informação em um determinado suporte.

Paul Otlet em seu Tratado de Documentação (1934) ampliou o conceito tradicional de documentos. Na visão dele, “documentos não são somente livros e manuscritos, mas também arquivos, mapas, esquemas, ideogramas, diagramas, desenhos e reproduções dos mesmos, fotografias de objetos reais, entre outros” (WOLEDGE, 1983, apud ORTEGA, 2009, p.62).

Desta forma, percebe-se que além de bibliotecas, os arquivos e museus custodiam acervos informacionais em seus variados suportes. Têm a função de ser disseminadores de informação e, portanto, responsáveis também pelo seu tratamento. São considerados unidades de informação, tanto quanto as bibliotecas (OTLET, 1934, apud YASSUDA, 2009).

Na Museologia, como uma das ciências que têm como objetivo a organização da informação, o tratamento da documentação museológica representa uma atividade desde a entrada do documento até a sua disponibilização nas exposições e reservas técnicas. Envolve procedimentos de coleta, armazenamento adequado, organização e disseminação da informação.

A partir desta perspectiva, Ferrez (1994, p.1) define documentação museológica como:

Um conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumento de transmissão de conhecimento.

O instrumento musical, no que diz respeito às suas características físicas, é considerado um artefato tridimensional. Segundo Ribeiro (2006, capítulo 10, p.5) “artefatos tridimensionais são objetos fabricados ou modificados por uma ou mais pessoas, à mão ou industrialmente”. Desta forma, ainda segundo a autora, torna-se necessário a adoção de critérios e normas de gestão capazes de organizar e disponibilizar os dados necessários para que o usuário recupere as informações inerentes a esse tipo de registro.

Nessa perspectiva, instrumentos musicais oferecem grandes desafios para os profissionais da informação porque cada vez mais vêm-se envolvidos com esse tipo de documento, que se diferenciam profundamente de outros tipos de registros documentais. O instrumento é considerado um documento, objeto de estudo da Organologia e pode fazer parte do acervo de um museu, de um arquivo, de uma biblioteca, ou ainda, de uma unidade de informação. Para tal, necessita de tratamento especializado que observe quais os elementos relativos a ele são necessários para identificar e descrever as informações a ele relacionadas para atender de forma eficaz aos usuários.

Do ponto de vista prático, a descrição de um objeto tridimensional será realizada distintamente nas áreas de Biblioteconomia e de Museologia, pois cada uma privilegia um tipo de informação.

Segundo Yassuda (2009), se para o museu não há muito interesse pelo conteúdo informacional do livro, para a biblioteca ele é fundamental para sua descrição e análise. Sobre esse assunto, a autora afirma:

...um livro depositado em uma biblioteca teria como atributos extrínsecos o número de páginas, as medidas, o tipo de encadernação, etc. Já os atributos intrínsecos seriam os assuntos e o resumo. Enquanto que no museu, o livro teria como atributos intrínsecos o peso, as medidas, o tipo de material com o qual foi confeccionado, etc. Os atributos extrínsecos seriam as informações sobre o doador, o proprietário, onde e em que época foi produzida, como era utilizado, etc. Já no museu há muito interesse por informações a respeito da biografia do artefato, o que na biblioteca, com exceção das coleções de obras raras, passa a um segundo plano (YASSUDA 2009, p.42).

Os instrumentos musicais na Biblioteconomia podem ser descritos pelas normas do capítulo 10 do AACR2 que diz respeito aos objetos tridimensionais de um modo geral (medalhas, esculturas, quadros, etc) sem particularizar qualquer objeto. Nesse capítulo estão previstas as seguintes áreas de descrição, de acordo com o AACR2 (2004):

- **Ponto de acesso** – refere-se ao autor que é a pessoa ou entidade responsável pela criação do conteúdo intelectual ou artístico.
- **Área do título e Indicação de responsabilidade** – refere-se ao título principal e sub título e aos responsáveis pela obra ;
- **Designação geral do material [DGM]** – refere-se ao tipo de material a ser descrito, como: mapa, escultura, instrumento musical etc;
- **Área de publicação, distribuição, fabricação etc.** – inclui os seguintes elementos: lugar de fabricação, nome do fabricante, data de fabricação
- **Área da descrição física** – inclui os seguintes elementos: extensão do item, outros detalhes físicos, dimensões e material adicional
- **Área das notas** – referem-se às notas específicas mais comuns para artefatos tridimensionais e realia como: natureza do item, fonte do título principal, edição e história, descrição física, público a que se destina, exemplar que está sendo descrito

Observa-se que é de suma importância a interação de diversos profissionais de diferentes áreas do conhecimento como, Biblioteconomia, Museologia, Etnomusicologia e Organologia, no processo de representação dos instrumentos musicais. Eles necessitam dialogar na construção de um trabalho comum.

3.3 Representação Temática: Sistemas de Classificação

A representação temática da informação também chamada de indexação de assuntos, é uma atividade do tratamento técnico que compreende a representação de conteúdos de documentos. A finalidade é traduzir os conceitos para uma terminologia – linguagem documentária - que represente a informação contida em um documento de modo a assegurar sua recuperação.

Neste contexto, Fujita (2009, p. 19) afirma que na representação temática os processos utilizados são:

a indexação, catalogação de assunto, classificação e elaboração de resumos, que são considerados processos de sumarização da informação dos quais se originam os índices, os catálogos de assunto, os números de classificação e os resumos que possibilitarão a recuperação da informação pertinente aos interesses dos usuários.

Sistemas de classificação do conhecimento existem desde os tempos primitivos e estão presentes em todas as áreas e atividades da vida humana. Dessa forma, filósofos, cientistas e lexicógrafos utilizaram a classificação para compreender e analisar o conhecimento humano.

Piedade (1977) divide as classificações de acordo com a sua finalidade, podendo ser: classificações filosóficas, criadas pelos filósofos voltadas para definição e hierarquização do conhecimento e a classificação bibliográfica, que são sistemas destinados à ordenação de documentos nas estantes, nos arquivos, em fichas de catálogos ou em referências bibliográficas e foram desenvolvidos com a finalidade de organizar os acervos de bibliotecas facilitando o acesso às informações pelos usuários. Esses sistemas também auxiliam na determinação dos assuntos de um item visando a precisão na recuperação da informação.

Dentre os sistemas de classificação bibliográficas destacam-se: a *Dewey Decimal Classification* (Classificação Decimal Dewey - CDD) – idealizada por Melvil Dewey, em

1876, atualmente na sua 22ª edição em língua inglesa, publicada pelo *On Line Computer Library Center* (OCLC); a Classificação Decimal Universal (CDU) – criada por Paul Otlet e Henri de La Fontaine em 1905; e, a *Collon Classification* (Classificação dos Dois Pontos) de Shiyali Ramamrita Ranganathan em 1933.

A classificação de instrumentos musicais integra parte da Musicologia denominada Organologia. A palavra é derivada do grego *órganon*, em latim *organum*, que significa ferramenta, utensílio ou instrumento em geral. No século VI o eclesiástico espanhol Isidoro de Sevilha (560-636) empregou a palavra como sinônimo de todos os instrumentos musicais.

De acordo com Pinto (2001, p.264), a Organologia consiste:

...no estudo contemporâneo de instrumentos de música (inventário, terminologia, classificação, descrição de sua construção, suas formas e técnicas de uso), sem deixar de considerar a sua produção musical (a análise de fenômenos acústicos e escalas de uso), além de critérios ligados a fatores socioculturais e a crenças que determinam o seu uso e o *status* de seus músicos.

Compreende-se então que a Organologia se propõe a estudar o instrumento musical em seu aspecto histórico, sua natureza física e sua classificação.

Segundo Henrique (2004, p.3), pode-se considerar “como instrumento musical todo o objeto construído para produzir som e utilizado como meio de expressão musical”.

Para Pahlen (1949, p.81), “tudo o que produz som é ou pode transformar-se em um instrumento musical”. Hornbostel (1933, apud Henrique, 2004, p.4) alerta que, “para fins de pesquisa, deve-se considerar como um instrumento musical todos os dispositivos com os quais se possam produzir som intencionalmente”.

Para agrupar os instrumentos musicais foram criados, por especialistas, os sistemas de classificação de instrumentos musicais, matéria de estudo da Organologia. Nessa

pesquisa, não se pretende realizar análise detalhada sobre esses sistemas, mas, apresentar os sistemas mais comumente conhecidos.

Verificou-se pelas definições que instrumentos musicais são projetados para reproduzir música, e de acordo com Meyers (1989, p. 18) “nem sempre conseguem ser adequadamente inseridos em um esquema de classificação através do quais musicólogos e curadores organizam sua informação”.

Em termos pragmáticos, os instrumentos podem ser classificados de diversas formas e segundo diferentes perspectivas: pela morfologia do instrumento, pelo lugar ou pela cultura, por sua função, por tipo de fabricação, pela hierarquia dentro de um conjunto musical, ou qualquer outra divisão que agrupe instrumentos que compartilham alguma característica (Meyers, 1989).

Kartomi (2001, p.11) enfatiza a importância de uma cultura na forma de classificação de instrumentos musicais quando afirma que:

...as preferências hierárquicas de uma determinada cultura, exerce um forte domínio na forma de classificação de instrumentos musicais principalmente nas culturas orientais. Assim, os instrumentos que são altamente valorizados em uma cultura possuem normalmente maior destaque ao ser classificados do que os instrumentos menos importantes, por exemplo, em alguns regimes javaneses, gongos e tambores, que estão no topo da hierarquia, são mais destacados do que outros instrumentos.

Henrique (2004) alerta para o risco de uma proposta de sistema de classificação universal, onde o instrumento possa ser classificado em mais de um grupo ou, impossível de ser classificado. Pensando nessa possibilidade o autor comenta:

Para ser universal, um sistema de classificação deve basear-se num princípio único, lógico e coerente. Se numa classificação pretendermos incluir todos os instrumentos de todas as épocas e de todo o mundo, atuais ou antigos, eruditos ou populares, ocidentais e orientais, teremos que os basear num critério uniforme, ...Um tal critério deve assentar em algo que seja essencial, indispensável a qualquer instrumento musical. (HENRIQUE, 2004, p. 13-14).

Os primeiros sistemas de classificação para os instrumentos musicais foram elaborados na China e na Índia.

Por volta do século VIII a.C., os chineses elaboraram o sistema *Bayin* que organizava os instrumentos musicais em oito categorias correspondendo aos oito ventos.

Pinto (2001, p.267) explica as categorias do sistema *Bayin*:

Essas categorias eram também definidas pelo material de construção (a seda de cordas, o couro dos tambores, o metal dos sinos, a madeira das matracas e dos bastões raspados e a pedra dos litofones) e pelo material que fechava a coluna de ar em vibração (bambu das flautas, o barro das flautas e a cabaça da caixa de ressonância do órgão de boca). Esta classificação fechada, no entanto, foi concebida contemplando somente os instrumentos da cultura chinesa.

O sistema indiano foi apresentado nos tratados técnicos da literatura sânscrita. Elaborado no início da era Cristã, o *Bharatiya-natya-shastra*, ou o *Ensino da arte dramática*, é uma obra que aborda o teatro, as artes correlatas e em especial, a poesia e a música (PINTO, 2001).

Nesse sistema, a classificação dos instrumentos é apresentada em quatro classes distintas e de acordo com Pinto (2001, p.268):

...o sistema possui quatro classes determinadas pela maneira de vibração do componente do instrumento: 1. tata (de tan, esticar) vadhya, correspondendo a corda; 2. avanaddha (atado ou coberto) vadhya – correspondendo a tambores de couro; 3. sushira (escavado ou furado) vadhya,- correspondendo as flautas sopradas pelo músico; 4. ghana vadhya (de ban, percutir um material sólido, em especial metal).

Estes critérios adotados no sistema de classificação indiano serviram como inspiração para a elaboração de classificações de instrumentos no Ocidente, dentre elas a idealizada por Victor-Charles Mahillon (1841-1924), no final do século XIX, foi considerada a primeira adequada para uso em todo o mundo. Mahillon foi curador do

Musée des Instruments de Musique do Conservatoire Royal de Bruxelles, na Bélgica e desenvolveu o sistema de classificação para a coleção do referido Museu.

O sistema de classificação de Mahillon foi modificado e ampliado, em 1914 por uma dupla de musicólogos, o austríaco Erich Moritz Von Hornbostel (1877-1935), diretor do Arquivo Fonográfico de Berlim, e o alemão Curt Sachs (1881-1959), diretor do Museu de Instrumentos Musicais da mesma cidade.

3.3.1 Classificação de Victor-Charles Mahillon

O sistema de Mahillon, como dito anteriormente, foi inspirado no sistema indiano, e é considerado o pioneiro no Ocidente por sistematizar os instrumentos musicais de acordo com a forma como o som é produzido. Segundo Kartomi, (2001) o etnomusicólogo Nazir Alli Jairazbhoy observou que Mahillon provavelmente estava familiarizado com o sistema, sendo apresentado a ele por um rico rajá e eminente estudioso de Musicologia Sourindro Mohun Tagore (1840-1914), que dedicou parte de sua vida para propagar a música indiana.

Ainda segundo Pinto (2001, p. 266):

Assim como os sistemas de classificação bibliográfica o esquema de classificação de Mahillon foi construído utilizando um diagrama em forma de árvore para exemplificar as ramificações dos instrumentos musicais dentro de sua respectiva categoria. Mahillon avaliou os instrumentos de acordo com o tipo de vibração do material, responsável pela produção do som.

Essa concepção de classificação gerou as seguintes famílias para os instrumentos musicais, segundo observado no quadro 1, a seguir.

Quadro 1

Classes e Subclasses do Sistema de Classificação de Victor-Charles Mahillon

CLASSES	SUBCLASSES
1 Autofones	<ul style="list-style-type: none"> ● autofones percutidos ● autofones beliscados ● autofones friccionados
2 Membranofones	<ul style="list-style-type: none"> ● membranofones percutidos ● membranofones friccionados
3 Aerofones	<ul style="list-style-type: none"> ● palhetas ● flautas ● polifônicos com reservatório de ar ● trompetes
4 Cordofones	<ul style="list-style-type: none"> ● friccionados ● beliscados ● percutidos

Fonte: Adaptado de MAHILLON, 1874

Esse modelo foi durante muito tempo o mais utilizado mas, apresentava algumas limitações: restringia-se quase exclusivamente aos instrumentos ocidentais usados na música erudita. Enquanto Pinto (2001, p 266.), assegura que “os dados sobre instrumentos de teclado foram utilizados de maneira incoerente”, Sachs elogia a classificação de Mahillon, porém, chama a atenção para o ponto fraco da sistematização pois não foi concebida para os instrumentos em geral mas para a coleção de um museu em particular (SACHS, 1949, apud HENRIQUE, 2004).

3.3.2 Classificação de Hornbostel –Sachs

Conforme dito anteriormente, a sistemática de Hornbostel–Sachs é a versão modificada e ampliada do sistema desenvolvido por Mahillon.

A proposta desse sistema foi fornecer uma classificação universal para instrumentos provenientes de outras culturas e foi destinado tanto para a Museologia como para uso acadêmico. Desta forma, Hornbostel e Sachs desenvolveram o sistema em quatro classes conforme descritas no quadro 2, a seguir.

Quadro 2

Classes do Sistema de Classificação Hornbostel-Sachs

CLASSES	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
1 Instrumentos Idiofones	Instrumentos que produzem som por meio da vibração de seu próprio corpo.	Agogô, Bateria (pratos), Caneca, Carrilhão, Castanhola, chocalho, Gongos, Matraca, Pratos, Reco-reco, Sino, Triângulo, Xilofone.
2 Instrumentos Membranofones	Instrumentos que produzem som por meio da vibração de membranas.	Bateria, Caixa, Cuíca, Pandeiro (pele), Repinique, Surdo, Tambor.
3 Instrumentos Cordofones	Instrumentos que produzem som pela vibração de cordas.	Alaúde, Baixo, Bandolim, Banjo, Berimbau, Cavaquinho, Cítara, Contrabaixo, Cravo, Piano, Saltério, Sanfona, Sitar, Violão, Violino.
4 Instrumentos Aerofones	Instrumentos que produzem som por meio do ar.	Acordeão, Bombardino, Clarinete, Clarone, Corne-inglês, Fagote, Flauta, Gaita, Órgão Oboé, Ocarina, Trompa, Tuba.

Fonte: Adaptado de HORNBOSTEL; SACHS, 1914.

Com o advento dos instrumentos eletrônicos, o estudioso alemão Hans-Heinz Dräger propôs a inclusão de uma quinta categoria, os eletrofones. (Kartomi, 2001). Pesquisa desenvolvida por Maria Helena Trindade junto ao Museu da Música em Lisboa propõe além dos eletrofones, a inclusão de mais duas categorias: os automatofones, em que o som é produzido ou impulsionado por engenhos mecânicos, e os hidrofones onde o som é produzido por um sistema hidráulico (TRINDADE, 2011).

Cabe destacar que para Hornbostel e Sachs, tanto a sua classificação como a classificação de Mahillon, tiveram como princípio mais importante de divisão, as características físicas de produção sonora. (HORNBOSTEL-SACHS, 1914, apud HENRIQUE, 2004).

Hornbostel e Sachs, além de mudarem o nome da classe autofones para idiofones, alteraram a forma da subdivisão de suas classes e introduziram um código decimal baseado no sistema que Melvil Dewey criou para classificação de livros em bibliotecas, a Classificação Decimal Dewey (CDD). O uso do sistema decimal anunciava o importante papel de símbolos não-verbais nos anos posteriores que possibilitaram que a classificação fosse amplamente utilizada em museus em todo o mundo.

Kartomi (2001, p. 285) destaca que "o segredo do sucesso na adoção generalizada do esquema de Hornbostel e Sachs é que se trata realmente de um sistema internacional". A utilização dos números no sistema para indicar as classes dos instrumentos constituiu-se um meio eficaz para localizar e identificar os mesmos, fato que permite ao usuário identificar o mesmo instrumento em diferentes culturas e idiomas (KARTOMI, 2001).

No final do século XIX, a CDU idealizada por Paul Otlet e Henri La Fontaine utilizou a classificação de Hornbostel e Sachs para desenvolver a classe referente a instrumentos musicais na classe 780.6, denominada de instrumentos e acessórios musicais. Uma nota no início dessa classe chama a atenção para esse fato: "...Esta classificação dos instrumentos musicais baseia-se no sistema publicado em 1914 por Erich von Hornboestel e Curt Sachs, aceito hoje no mundo inteiro" (CDU, 2007).

Conforme visto anteriormente no quadro 2, o sistema de Hornbostel e Sachs possuía, em sua primeira publicação, quatro categorias principais. Essas categorias eram numeradas, com muitos níveis e várias subdivisões. Atualmente o sistema já possui cerca de 300 categorias básicas. As principais categorias dentro das quatro classes foram traduzidas do original em alemão pelo professor Eduardo Monteiro, da Escola de Música da UFRJ e serviu de base como instrumento para organização do acervo do museu e para esta pesquisa (ANEXO 1).

Cabe destacar também que, se na classificação de Hornbostel-Sachs, a base é relativamente simples, as subdivisões de cada categoria tornam-se bastante complexas devida a enorme variedade de instrumentos existentes.

O trabalho de Hornbostel e Sachs tem como subtítulo em alemão "*ein versuch*" que, em português, significa "uma tentativa". Isso revela a humildade dos dois musicólogos diante da tarefa por eles assumida. Não obstante, sabe-se que essa sistemática permanece até hoje, e é, segundo especialistas, uma das obras mais consistentes, mais citadas e mais consultadas da Etnomusicologia, tornando-se também o método

mais utilizado por profissionais de Organologia para classificar instrumentos musicais (PINTO, 2001).

Uma quinta categoria, a dos automatofones, que não consta da classificação original, consta das normas adotadas pelo Museu da Música de Lisboa. Ela foi introduzida na proposta de classificação do Museu Instrumental Delgado de Carvalho porque o acervo possui um fonógrafo, instrumento musical nessa categoria segundo Trindade. A classe é definida segundo a mesma autora “como uma classe de instrumentos automáticos: instrumentos musicais cujo som é produzido de forma automática e mecanicamente, geralmente sem ser necessário um intérprete”. Trindade (2011, p.25)

A tradução feita pelo professor Eduardo Monteiro, das principais categorias constantes das quatro classes de Hornbostel e Sachs, já referenciada anteriormente, acrescida da quinta categoria proposta pelo Museu da Musica de Lisboa, serviu de base para a elaboração de um protótipo de vocabulário controlado de instrumentos musicais, apresentado no APÊNDICE 3.

3.4 Representação Temática: Linguagem documentária no domínio de instrumentos musicais

Com objetivo de organizar e recuperar a informação e o conhecimento existente nas mais diversas fontes e suportes informacionais, surgiu a representação documentária e, mais precisamente, a linguagem documentária. “Essas são consideradas metarrepresentações ou representações documentárias, ao lado de outras formas de representação da informação, como resumos, catálogos, bibliografias, índices, inventários, repertórios” (DODEBEY, 2002, p. 39).

As linguagens documentárias têm a função de:

organizar o campo conceitual da representação documentária, servir de instrumento para distribuição útil dos livros ou documentos e controlar as dispersões léxicas, sintáticas e simbólicas no processo de análise documentária”. (DODEBEY, 2002, p. 57).

Lancaster (1993) chama as linguagens documentárias de vocabulário controlado. Segundo o autor, os vocabulários controlados podem ser identificados em três tipos: classificações bibliográficas, listas de cabeçalhos de assuntos e tesouros.

O tesouro, que constitui também objeto de estudo desse trabalho é segundo a Unesco “um vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados semântica e genericamente, que cobre de forma extensiva um campo específico do conhecimento” (UNESCO 1973, apud DODEBEY, 2002, p.67).

Ainda segundo Cavalcanti (1978, p.27) o tesouro é “uma lista estruturada de termos associada empregada por analistas de informação e indexadores, para descrever um documento com a desejada especificidade, em nível de entrada, e para permitir aos pesquisadores a recuperação da informação que procura”.

Em geral, o tesouro está dividido em duas partes: a primeira parte apresenta uma lista alfabética de palavras chave e referências cruzadas (ver e ver também) para indicar a hierarquia de conceitos, e a segunda parte compreende a própria estrutura hierárquica apresentando as categorias ou facetas do vocabulário (DODEBEI, 2002).

Tendo em vista a escassez de estudos na área de vocabulário controlado em instrumentos musicais, o presente trabalho apresenta um protótipo de tesouro em instrumentos musicais, especificamente em cordofones dedilhados e friccionados com arco. Este protótipo servirá de modelo para elaboração de um tesouros de instrumentos musicais.

Os cordofones incluem todos os instrumentos normalmente chamados de instrumentos de cordas onde o som é obtido a partir de uma corda tensa, ou seja, esticada e a vibrar. São utilizados três métodos para que a corda possa vibrar: as cordas podem ser dedilhadas, friccionadas com um arco ou percutidas.

Henrique (2004, p.18) em seu estudo afirma que “os cordofones classificam-se de acordo com a posição das cordas em relação ao corpo do instrumento, mas para estudo se torna cômodo constituir dois grupos distintos: cordofones de teclados (cordofones dedilhados) e cordofones friccionados”.

Os cordofones estão incluídos na categoria 3 do sistema de Hornbostel-Sachs e apresentam duas subdivisões principais, a saber:

- 31. Cordofones simples ou cítaras - instrumentos que são, em essência, compostos de uma corda ou cordas esticadas em um suporte.
- 32. Cordofones compostos - instrumentos que têm uma caixa de ressonância como parte integral do instrumento.

4 METODOLOGIA E MATERIAL

A presente pesquisa é de abordagem bibliográfica, exploratória e aplicada, e os resultados apresentados são de natureza qualitativa.

É de natureza bibliográfica e exploratória porque a investigação visa compreender as características principais do instrumento musical, apoiando-se de forma prática na assessoria de professores especialistas da Escola de Música da UFRJ para cada classe de instrumentos e, concomitantemente, fundamentou-se na literatura sobre os assuntos que a embasaram.

Assim, o trabalho foi desenvolvido com os seguintes procedimentos metodológicos, distribuídos nas seguintes etapas:

Etapa 1 – Inventário e diagnóstico do acervo.

Etapa considerada essencial para o trabalho, o inventário do acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho constitui o Apêndice 1 do presente trabalho.

Foi realizada uma pesquisa exploratória em todas as iniciativas de organização realizadas no acervo desde 1890 até 2013. Sendo assim, foram analisadas algumas fontes primárias existentes no acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno, como: livros de registros, inventários, relatórios, livros de ata do antigo Instituto Nacional de Música e documentação histórica do arquivo pessoal do professor João Baptista Siqueira, diretor da já denominada Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na época do segundo inventário e responsável pela transferência e pelo acondicionamento do acervo no corredor principal da Escola de Música.

Etapa 2 – Elaboração da proposta de organização descritiva do acervo.

Para a elaboração da proposta de organização descritiva de acervos de instrumentos

musicais utilizou-se as normas já existentes para descrição de instrumentos musicais, procurando-se confrontá-las com a norma e formato internacionais de representação descritiva da informação consagrados e em uso, em grande escala, pelas bibliotecas brasileiras.

As normas de representação descritiva de instrumentos musicais utilizadas foram:

- TRINDADE, Maria Helena. **Normas de inventário: instrumentos musicais**, 2011 – desenvolvida para o acervo de instrumentos musicais do Museu da Música de Lisboa.
- MYERS, Arnold. ***Cataloguing standards for instrument collections***, 1989 – desenvolvida para a Universidade de Edimburgo (Escócia); e
- COSTA, Evanice Páscoa. **Princípios básicos de museologia**, 2006 – apresenta uma seção que define os campos da catalogação a serem adotados pelo Sistema Estadual de Museus do Paraná.

Etapa 3 – Elaboração da proposta de organização temática do acervo.

A organização temática do Museu foi baseada na classificação elaborada por Erich M. Von Hornbostel e por Curt Sachs: *Systematik der Musikinstrumente*, 1914 e para melhor entendimento, na tradução resumida da mesma classificação, realizada por Eduardo Monteiro professor da Escola de Música da UFRJ.

Etapa 4 – Elaboração de um protótipo de vocabulário controlado de instrumentos musicais.

Esse protótipo foi baseado em trabalho apresentado na disciplina Processamento, Recuperação e Representação da Informação I (Biblioteconomia), cujo objetivo era construir um vocabulário controlado na área da Musicologia, especificamente para os instrumentos musicais de cordofones dedilhados e friccionados com arco.

Para o seu desenvolvimento foram selecionadas duas publicações periódicas especializadas em música, assim como uma revista científica na área de Antropologia que publicou um artigo considerado relevante sobre o tema estudado. Esses periódicos foram classificados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na Base Qualis² com estratos A1 e B1. (COORDENAÇÃO...2006), a saber:

- *Per Musi*: Revista Acadêmica de Música – editada pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, v.23, 2011 – Qualis A1
- *Revista Brasileira de Música* – editada pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da UFRJ, v. 23, n.1-2 , 2011; v. 24, n.1-2, 2011 – Qualis A2
- *Revista de Antropologia* – publicada pelo Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, v. 44, n.1, 2011 – Qualis A2.

Em seguida, foram escolhidos sete artigos que apresentaram informações de maior relevância e abrangência dentro da temática escolhida.

Cabe destacar que, a pesquisa terminológica para o protótipo de vocabulário controlado, além de extrair os termos dos artigos de periódicos, citados anteriormente, devido a especificidade e complexidade da área, utilizou a Sistemática de Classificação Hornbostel-Sachs para determinação das classes. Para a determinação das subclasses optou-se pela orientação de Henrique (2004) que apresenta as seguintes subclasses: cordofones dedilhados, cordofones friccionados e cordofones friccionados com arco.

² Qualis é uma base de dados produzida e mantida pela CAPES que reúne os títulos dos periódicos utilizados na divulgação da produção intelectual de docentes e estudantes brasileiros. Esses títulos são classificados por categorias indicativas de qualidade - A, B ou C, e ainda, quanto à circulação local, nacional ou internacional.

4.1 A Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

A Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), antigo Conservatório de Música, foi fundada em 1848, por um grupo de músicos liderados por Francisco Manoel da Silva (1795-1865), autor do Hino Nacional Brasileiro, que tinha como um de seus ideais criar um estabelecimento oficial que servisse como referência para o ensino de música no Brasil. Assim, o Conservatório foi a primeira instituição permanente de ensino musical no país. Tal fato pode ser constatado no discurso de inauguração proferido por Francisco Manoel da Silva que deixa claro os objetivos de sua criação:

Solemne é o objetivo que hoje nos reúne. O dia da inauguração do primeiro Conservatório de Música, instituído no Brasil... A criação de um Conservatório de Musica na capital do Império, Sres., era uma necessidade de há muito reclamada pelo progresso da nossa civilização, foi como uma missão que os nossos antepassados nos quizerão legar a gloria de desempenhar, é um dever sagrado que temos de cumprir, e um serviço que a posteridade nos deve levar em conta. (DE PAOLA e GONZALEZ, 1998, p.22).

O Conservatório funcionou primeiramente em um salão cedido pelo Museu Nacional³, onde as aulas foram iniciadas. Em 1855, foi anexado à Academia Imperial das Belas Artes, que funcionava em sede própria e foi demolida mais tarde para a abertura da Avenida Presidente Vargas. Em 1872, ainda anexado à Academia, o Conservatório adquire sua sede na Rua da Lampadosa, hoje Luiz de Camões, onde atualmente funciona o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica. E finalmente, em 1913, muda-se para a sua quarta e atual sede, um prédio antes ocupado pela Biblioteca Nacional, na rua do Passeio, nº 98, no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro.

Desde sua criação em 1848, a Escola foi, durante décadas, o expoente máximo do ensino musical no país, reunindo as principais figuras da história musical brasileira, destaque que contribuiu, significativamente, para formação dos seus valiosos acervos,

³ O Museu Nacional foi criado em 1818, por D. João VI, como Museu Real. Funcionou no Campo da Aclamação número 26, hoje Praça da República até julho de 1892, quando passou a ocupar Paço de São Cristóvão, antiga residência de nossos imperadores. Em 1946 passou a fazer parte da UFRJ.

dentre os quais, o acervo de instrumentos musicais.

Criada como Conservatório Nacional de Música em 1848, a Escola, ao longo de sua história, mudou de nome três vezes. Em 1890, com a República, passou a se chamar Instituto Nacional de Música. Em 1937, tornou-se Escola Nacional de Música, e em 1965, passou a integrar a Universidade Federal do Rio de Janeiro passando a chamar Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sua atual denominação.

4.2 O Museu de Leopoldo Miguez: Museu Instrumental Delgado de Carvalho

A Escola de Música da UFRJ é conhecida por ser detentora de um dos mais ricos acervos de música do Brasil incluindo aí também, segundo especialistas, um precioso acervo de instrumentos musicais que começou a ser formado ainda no período do Império no antigo Conservatório de Música.

O Decreto nº 143, de 1890, que extinguiu o Conservatório e criava, nesse mesmo ato oficial, o Instituto Nacional de Música, revela a existência de uma biblioteca e de instrumentos musicais, que provavelmente seriam utilizados na administração das aulas, mas não constituía ainda um acervo organizado, como já era o da Biblioteca Alberto Nepomuceno. O artigo 14 do Decreto determina: “A biblioteca, o arquivo, os instrumentos, os móveis e todos os utensílios pertencentes ao extinto Conservatório, passarão a ser propriedade do Instituto Nacional de Música”.⁴

A mais antiga referência da coleção de instrumentos musicais já denominada como museu, foi registrada em uma publicação oficial intitulada “Notícia histórica dos serviços, instituições e estabelecimentos pertencentes a esta repartição”, do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, ao qual à época, o Instituto encontrava-se vinculado, conforme pode ser visto, a seguir:

⁴ BRASIL. Decreto nº 143, de 12 de janeiro de 1890. Extingue o Conservatório de Música e cria o Instituto Nacional de Música. Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, fasc. 1 (1 a 31 de janeiro de 1890).

O Instituto Nacional de Música tem um pequeno museu muito interessante e curioso, um gabinete de acústica regularmente montado, uma bibliotheca pequena, que precisa ser ampliada em benefício do estabelecimento, um órgão de 16 pés de Wilhelm Sauer, um pequeno órgão de estudo do mesmo autor e um instrumental para orchestra a que faltam duplicatas. (MINISTÉRIO..., 1898, p. 16).

Em 18 de janeiro de 1890, o compositor e maestro Leopoldo Miguez (1850-1902), é nomeado como diretor do recém criado Instituto. Observa-se em sua administração o caráter de um homem determinado e visionário. Sua administração foi profícua e realizadora, porque “Miguez, como reformador, foi uma espécie de interventor, mas era porém um idealista sincero que tentava a todo transe introduzir um projeto estético e pedagógico numa casa de ensino, que ostentava embrionária fraqueza”(PEREIRA, 2007, p. 77).

No mesmo mês que Miguez assume a direção do Instituto, passa a ter maior controle sobre o seu acervo, tanto que passa a registrar, de próprio punho, as doações de livros, partituras, instrumentos musicais etc., bem como o nome de seus doadores, dentre os quais ele próprio⁵

Miguez tinha como meta um projeto ambicioso para o Instituto, dentre eles a criação de um museu de instrumentos musicais. Entre os anos de 1895 a 1896 ele parte para a Europa em viagem comissionada para estudar o funcionamento de conservatórios na Itália, Áustria, Alemanha, Bélgica e França. Durante esta viagem, conhece o *Musée des Instruments de Musique do Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles*, que tinha como curador o musicólogo Victor-Charles Mahillon, que como já foi dito, foi autor de uma sistemática de classificação de instrumentos musicais que seria mais tarde adotada na organização do Museu do Instituto.

O resultado desses estudos foi apresentado pelo próprio Miguez em 1897, no relatório intitulado *Organização dos conservatórios de música na Europa*, dirigido ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Nele, o ex-diretor anuncia a criação de um museu de

⁵ Instituto Nacional de Música. Biblioteca Alberto Nepomuceno. Livro de inventário das obras. 1890-1895.

instrumentos musicais que, segundo a sua proposta, seria um modelo referencial a ser utilizado por músicos e musicólogos no Brasil.

Augusto (2010, p. 38) ao relatar a criação do museu comenta:

Este museu, obra cara ao diretor, destinado a abrigar uma coleção de instrumentos de diversas origens, seria o local onde os artistas brasileiros poderiam se dedicar ao estudo e à composição dos progressos na arte de sua fabricação, nas modificações executadas no País e no estrangeiro e na sua utilização entre diferentes povos.

Cabe destacar que desde a sua criação o Museu era de responsabilidade direta do diretor. O Regulamento do Instituto Nacional de Música, publicado no Decreto N. 3632 de 31 de março de 1900, artigos 75 e 76 determina:

O museu destina-se principalmente ao estudo da história da música e da organologia musical; o gabinete de physica às experiências acústicas que forem julgadas necessárias pelo professor encarregado dessa especialidade. Não será permitido o ingresso nas salas do museu e no gabinete de physica sem autorização do diretor. Os alumnos só poderão freqüenta-las quando acompanhados dos professores para objeto de estudo. (REGULAMENTO DO INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA, 1900, p.17)

Leopoldo Miguez ao criar um museu de instrumentos em 1896, formou uma coleção valiosa de instrumentos musicais. Seu zelo demonstrado na organização da coleção permitiu que os dados, antes desconhecidos, pudessem ser recuperados e trabalhados e auxiliaram, sobremaneira, na elaboração desta pesquisa.

4.3 Fases de Organização do Museu

De acordo com o já mencionado anteriormente, para a concretização do objetivo proposto no presente trabalho, foi realizado o inventário de toda a coleção de instrumentos musicais do Museu Instrumental Delgado de Carvalho.

As fases de organização do Museu coincidem com os inventários realizados no acervo e serão enumeradas como a seguir:

4.3.1 Livro de Inventário de 1890-1895 – Organização de Leopoldo Miguez

Embora não se traduza como um inventário, como formalmente se conhece, Leopoldo Miguez registrou os instrumentos musicais, livros e outros objetos pertencentes ao Instituto Nacional de Música, preocupando-se em registrar o doador e a classificação dos instrumentos.

4.3.2 Catálogo de 1905 - Organização de Delgado de Carvalho: O Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro

A primeira catalogação das obras do Museu foi realizada pelo músico Joaquim Torres Delgado de Carvalho (1872-1921). Nomeado para o cargo de bibliotecário do Instituto Nacional de Música, função que exerceu de 1902 a 1907, Delgado de Carvalho recebeu também de Leopoldo Miguez a responsabilidade de dirigir o museu.

Relatando como se deu a nomeação do primeiro bibliotecário da Escola de Música, Maria Hugo Braga Pinto Coelho, ex-chefe da Biblioteca Alberto Nepomuceno (BAN), comenta em seu breve histórico sobre a BAN:

...não havia verba destinada à remuneração de um bibliotecário, aceitou Leopoldo Miguez o oferecimento que Joaquim Torres Delgado de Carvalho lhe fez, de exercer aquelas funções gratuitamente. O fato é comunicado ao Ministro, em aviso nº 506, de 29 de abril de 1902. Em decreto de 16 de março de 1903 foi efetuada a nomeação respectiva, a título efetivo, com vencimentos (BRAGA, 1973, p.5).

Como músico, Delgado de Carvalho é autor da ópera Moema, que inaugurou o Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1909.

Como bibliotecário, com a orientação de Alberto Nepomuceno, diretor do Instituto Nacional de Música e sucessor de Miguez, adotou o catálogo em fichas na catalogação das obras. Braga (1973) relata que Delgado de Carvalho realizou um cuidadoso trabalho reunindo os autógrafos. Como parte de suas atribuições, coube também a ele a responsabilidade de gerenciar e catalogar as obras do museu instrumental e do gabinete de acústica.

Em 1906, Alberto Nepomuceno (1864-1920) ao assumir pela segunda vez a direção do Instituto, demonstra insatisfação em relação ao trabalho do bibliotecário, relatando as sucessivas licenças tiradas pelo mesmo naquele ano, o que sem dúvida vinha prejudicando o trabalho de catalogação dos livros e partituras (PEREIRA, 2007).

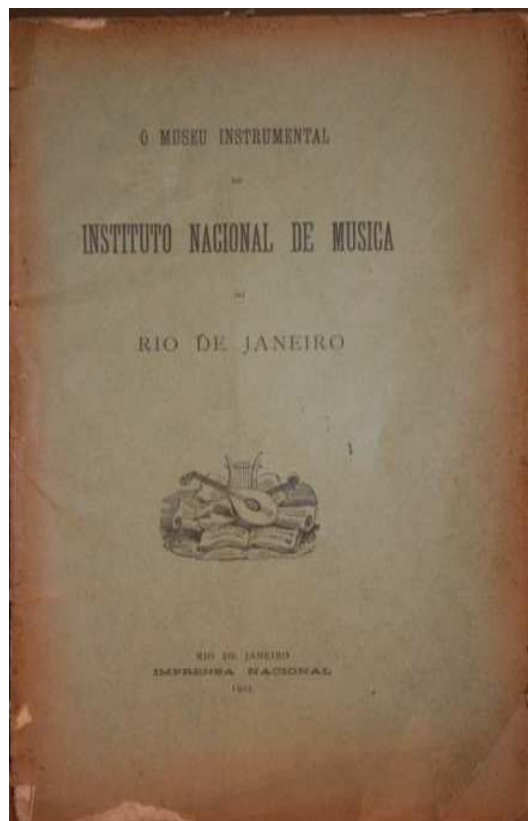
No Relatório do Instituto de 1906, transcrito por Pereira (2007, p.198), o diretor resume a situação:

Esta seção do Instituto, infelizmente, se não encontra ainda em condições de ser franqueada ao público já por falta de catálogo, já pelo estado em que se acham muitos dos livros nela existentes, o que me levou a representar a esse Ministério contra o respectivo funcionário [...].

Assim, no dia 21 de março de 1907, Delgado de Carvalho é exonerado do cargo, sendo substituído por Manuel Porto Alegre Faulhaber.

No entanto, Delgado de Carvalho deixou o trabalho “Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro” publicado dois anos antes de sua exoneração, em 1905, pela Imprensa Nacional. Esse trabalho constitui-se do catálogo do Museu Instrumental e a figura 1. a seguir, mostra sua capa.

Figura 1: Capa do Catálogo do Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro (acervo da BAN)



No catálogo, Carvalho não se preocupou em assinalar a procedência de cada instrumento individualmente, limitando-se em registrar no final, os nomes dos doadores: Alberto Nepomuceno, Alice Miguez, Arthur Napoleão, Delgado de Carvalho, Elpídio Pereira, Fertin de Vasconcellos, Henrique Oswald, J. Baptista da Motta, J. dos Santos Couceiro, Leopoldo Miguez, Rodolpho Bernadelli e Walborg Nepomuceno.

No entanto, no Livro de Inventário feito por Leopoldo Miguez (1890-1895); as anotações manuscritas de Mary Hugo Pinto Braga (1973) no Catálogo de Delgado de Carvalho, de 1905, os inventários realizados no Museu em 1973, 1974, 1990, 1994 e 2008, possibilitam identificar o doador de muitos instrumentos e constituem o Apêndice 2 da presente pesquisa.

A organização do catálogo de Delgado de Carvalho, conforme prefácio da obra escrito por ele, foi influenciada por Miguez⁶ que, por sua vez, conhecia o trabalho desenvolvido no *Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles* por Victor Charles Mahillon.

Não é nenhuma inovação a maneira pela qual esta seccão foi classificada: - o maestro Leopoldo Miguez já tentara tornar conhecida a interessante colleção de instrumentos que constitue o Museu e aceitara a distribuição de Charles-Victor Mailson [sic], conservador do Real Conservatório de Bruxelas. ele organizou os instrumentos e objetos que faziam parte do museu, fundamentando-se na classificação de Charles Victor Mahillon. (CARVALHO, 1905, p.1).

Victor Charles Mahillon (1841-1924) era filho do belga Charles Mahillon, construtor de instrumentos de sopro em Bruxelas. Henrique (2004) afirma que ele teve uma importância decisiva na classificação e sistematização dos instrumentos:

Mahillon enquanto conservador do Musée Instrumental de Bruxelles, elaborou de 1880 a 1922 um extenso catálogo sobre os instrumentos pertencentes ao museu e no qual incluiu um importante ensaio de classificação dos instrumentos. Pelo rigor científico com que este catálogo foi elaborado, o trabalho de Mahillon é considerado pioneiro, tendo influenciado os trabalhos posteriores sobre classificação (HENRIQUE, 2004, p.14).

Não obstante ter classificado todo o acervo pela sistemática de Mahillon, Delgado de Carvalho ordenou o catálogo pelo número seqüencial de registro dos objetos no livro de inventário, identificando-se apenas na descrição do instrumento, a classificação adotada. Confrontando-se com o inventário de Miguez (1890-1895), isso é revelado com clareza.

⁶ Leopoldo Miguez falecido em 1902, não conheceu o resultado final do trabalho idealizado por ele.

No catálogo os instrumentos são divididos em quatro classes estabelecidas por Mahillon, que por sua vez são subdivididas em ordens e estas em gêneros e espécies, modificando porém alguns pontos que, segundo o próprio Delgado de Carvalho, “tinha a finalidade de tornar mais simples o sistema adotado” (Carvalho, 1905, p. 5). As classes descritas no catálogo compõem o quadro 3 da pesquisa

Quadro 3
Divisão Estrutural do Catálogo de Delgado de Carvalho

CLASSE	DIVISÃO	DEFINIÇÃO
1	Autofones	O som é produzido pelo próprio corpo do instrumento, feito de materiais elásticos naturalmente sonoros, sem estarem submetidos à tensão.
2	Membranofones	O som é produzido por uma membrana esticada.
3	Aerofones	O som é produzido por uma massa de ar originada no (ou pelo) instrumento
4	Cordofones	O som é produzido por uma corda tensa

Fonte: Carvalho, Delgado de, 1905.

4.3.3 *Inventário manuscrito de 1973 – Organização de Mary Hugo Braga Pinto Coelho: Tentativa de reconstituição do Museu Instrumental da E.N.M*

A organização feita por Mary Pinto Coelho, embora não se constitua um inventário do acervo, representa como o próprio nome revela, uma tentativa de reconstituição do Museu que teve como finalidade relacionar os instrumentos existentes e corrigir enganos no Catálogo de Delgado de Carvalho. Paralelo à organização, a então chefe da Biblioteca Alberto Nepomuceno, fez algumas anotações manuscritas (1973) no catálogo de 1905, o que possibilitou a identificação de alguns doadores, a constatação do estado de conservação de instrumentos e de baixas no acervo.

4.3.4 Inventário de 1974 - Organização de Luciano Rolla: Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho.

Luciano Rolla (? - m. 2005) era o *luthier*⁷ oficial da Escola de Música e o seu atelier funcionava na Rua das Marrecas. Cabia a ele também a responsabilidade do museu, conforme pode ser visto em um artigo publicado no Jornal do Brasil:

O Sr. Luciano Rolla é o Luthier oficial da Escola de Música da UFRJ à qual o museu pertence. É como ele se apresenta no seu cartão de visita [...]. périto construtor e reparador de instrumentos de corda. Ele faz violinos, avalia os instrumentos que chegam ao museu e agora está reorganizando e catalogando as peças que já foram restauradas por iniciativa do atual diretor da Escola de Música, Maestro João Baptista Siqueira (JORNAL DO BRASIL, 1974, p.2).

No inventário de Luciano Rolla foram relacionadas 77 ítems em 14 páginas datilografadas, sendo que o último item do novo inventário recebeu a numeração 76. Rolla esclarece no encaminhamento do relatório ao diretor, que o acervo composto por 77 instrumentos, dentre os quais um fonógrafo construído por Thomas Alva Edison, teve um acréscimo de um cornetim “Bessom Paris” (obra com a numeração 23 no inventário). Sendo assim, a relação ao todo possui 77 obras sendo: 65 instrumentos musicais, 8 objetos (madeiras utilizadas na construção de instrumentos) e 3 fotografias.

A ordenação dos instrumentos na relação e nos armários constata que Rolla dividiu o Museu em seis armários vitrines, classificando-os por famílias, sendo que a harpa cromática, devido à sua dimensão, não seguiu esse critério.

A ordenação dos armários por família de instrumentos está ilustrada no quadro 4, a seguir.

⁷ Luthier – Literalmente fabricante de alaúdes. Profissional especializado na construção e no reparo de instrumentos de corda com caixa de ressonância (guitarra, violino, etc), mas não daqueles dotados de teclado. (Dicionário Grove de música, 1994 e Dicionário Houaiss, 2009).

Quadro 4
Divisão Classificatória do Inventário de Luciano Rolla

ARMÁRIO	INSTRUMENTO
1	Instrumentos de cordas com arco e cordas dedilhados
2	Instrumentos de Sopro
3	Instrumentos Étnicos
4	Instrumentos de metais e a harpa cromática
5	Instrumentos de Cordas dedilhados
6	Fonógrafo

Fonte: Elaboração própria

Importante se faz registrar que, o compositor e maestro João Baptista Siqueira (1906-1992) foi diretor da Escola de Música, no período de 1971-1975 e priorizou a organização da Biblioteca e do Museu.

Segundo De Paola (1998) foi Baptista Siqueira que transferiu o museu do *foyer* do Salão Henrique Oswald para o andar térreo do corredor principal da Escola de Música e deu o nome ao Museu de Delgado de Carvalho, providenciando o acondicionamento do acervo em seis vitrines armários que foram alocadas no corredor principal da instituição. Sobre essa situação De Paola (1998, p.98) esclarece:

Procurou a recuperação de instrumentos antigos e valiosos, que faziam parte do antigo Museu do Instituto Nacional de Música, colocando-os em vitrines apropriadas em armários dispostos no corredor central de administração. A este novo Museu deu o nome de Delgado de Carvalho, em homenagem ao primeiro bibliotecário da instituição.

A figura 2, ilustra a distribuição dos instrumentos nos armários.

Figura 2: Vitrine armário localizada no foyer do Salão Henrique Oswald, contendo alguns instrumentos (Acervo Curt Lange. Universidade Federal de Minas Gerais)



4.3.5 Inventário de 1990 - Organização de Léo Soares: Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho

O inventário de 1990 foi realizado por Leo Affonso de Moraes Soares, violonista e professor da Escola de Música da UFRJ, com a colaboração do técnico em assuntos educacionais Antônio da Silva Figueiredo Neto, e foi intitulado Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho.

O trabalho foi realizado na gestão do diretor Colbert Hilgenberg Bezerra (1933) e consta no Relatório da Escola de Música, período de julho de 1990 a dezembro de 1991.

Nesse trabalho, os objetos do Museu são relacionados conforme a ordenação dada por Luciano Rolla, em 1974, ou seja, de acordo como distribuídos nas vitrines. Contudo, nessa nova relação é acrescentado um sétimo armário composto, em sua maioria, de medalhas e placas. Constata-se também, a entrada de um único instrumento musical,

um violino F. Breton Brevet, doado pela cientista, também professora emérita da UFRJ, Bertha Lutz. Contudo, esse instrumento não consta do inventário realizado posteriormente, em 1994.

4.3.6 *Inventário de 1994 – Organização de Afifi Craveiro de Almeida: O Museu Instrumental Delgado de Carvalho: breve notícia*

O inventário realizado por Afifi Craveiro de Almeida, professora aposentada da Escola de Música da UFRJ, foi publicado na Revista Brasileira de Música (1994) e apresenta um estudo cuidadoso que aborda o histórico do Museu e algumas etapas de sua organização. O texto traz algumas imagens dos instrumentos e identifica pela primeira vez as obras extraviadas até 1994.

4.3.7 *Inventário de 2008 – Organização de Dolores Castorino Brandão : Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho.*

Em julho de 2008, na administração do professor André Cardoso, frente à Escola de Música, o acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho foi retirado das vitrines que ocupavam o corredor e transportado para a biblioteca que ficou com a sua guarda.

A medida tomada pelo diretor tinha como base o Regimento da Escola de Música de 1973, em vigor, que em seu artigo 278, determina que o museu é “anexo à biblioteca e ficará sob a fiscalização do bibliotecário, a quem incumbirá a guarda e conservação dos instrumentos musicais antigos e objetos relativos à música e será supervisionado por um professor titular indicado pela direção” (UFRJ, 1973, p.103-104).

Segundo Cardoso (2008, p.219) a leitura do regimento e o local onde estava localizado o acervo, revelam a real situação do museu:

O acervo de instrumentos e objetos musicais não se constitui efetivamente em um museu, mas uma simples exposição de instrumentos e objetivos musicais depositados em armários inapropriados sem conservação e climatização. Não há um museólogo responsável ou reserva técnica. Nos últimos vinte anos o acervo não recebeu nenhuma doação e seu acervo não foi renovado ou ampliado.

Na medida em que o acervo foi sendo transferido, foi também realizado o seu inventário, que tinha como objetivo relacionar o acervo das vitrines e ter o controle das peças transferidas.

Nessa ocasião, foi formada uma equipe de profissionais da Escola de Música composta por bibliotecários e professores.

Com o acervo do Museu sob a guarda da Biblioteca Alberto Nepomuceno necessário se fazia o tratamento técnico do acervo a partir de sua identificação, trabalho esse desenvolvido com a assessoria de musicólogos da Escola.

Cabe ressaltar que a equipe de bibliotecários da BAN, tendo em vista as particularidades de seu acervo musical raro e precioso, adota como política buscar assessoria dos professores e pesquisadores da Escola com vistas a fundamentar o tratamento técnico do mesmo, estabelecendo, com isso, uma colaboração permanente.

4.3.8 Inventário de 2013 – Organização de Dolores Castorino Brandão: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho: 1890-2013.

Para a realização deste inventário, foram realizadas pesquisas em fontes primárias, como livros de registro e inventários, relatórios da Instituição e documentação de arquivos pessoais, que revelaram e esclareceram parte da história de formação da coleção e da criação do Museu, permitindo a identificação dos instrumentos extraviados, a procedência e a identificação de muitos doadores, conforme demonstrado nos APÊNDICES 1 e 2.

5 O MUSEU ATUAL

O acervo atual do Museu é composto de 80 instrumentos musicais e 26 objetos (batutas, quadros, fotografias e outros). A relação completa compõe o inventário de 2013 (Apêndice 1).

A Coleção inclui instrumentos que vão desde os de tradição erudita, até o popular. Abrange instrumentos desde o século XVIII até o século XIX reunindo diversas culturas do mundo representadas por dezessete diferentes países: Brasil, Portugal, Egito, Marrocos, Sudão, Indonésia, Índia, Pérsia (atual Irã), China, Japão, Alemanha, França, Bélgica, Hungria e Estados Unidos.

Como destaque para esta diversidade cultural, cita-se o Ine-Kin da China, o Darabuka do Egito, Naqqara de origem árabe, Mayuri Vina, instrumento indiano em forma de pavão, o Promenade Violon, espécie de violino portátil (de algibeira), feito no corpo de uma bengala e o saltério construído no Rio de Janeiro no Convento do Morro do Castelo por Antônio Muniz Santiago, em 1767. As figuras 3 e 4 ilustram a coleção.

Figura 3: Mayuri Vina instrumento indiano em forma de pavão - classe dos cordofones



Figura 4 Naqqara, instrumento árabe da classe dos membranofones, pequeno tambor, antecessor dos modernos tímpanos



Durante os 113 anos de existência do Museu, verificou-se que as obras não foram patrimoniadas e nem receberam um tratamento museológico.

A coleção ficou acondicionada no corredor principal da Escola de Música por mais de trinta anos, e apenas um letreiro escrito sobre a porta do corredor, com a informação *Museu Instrumental Delgado de Carvalho*, identificava o acervo.

Embora não tenha sido este o objetivo do professor Baptista Siqueira, ao transferir o acervo do *foyer* do Salão Henrique Oswald para o corredor principal, devido à falta de continuidade do trabalho, o Museu funcionava apenas como uma simples exposição. Muito distante da real concepção do museu idealizado por Miguez, as obras estavam acondicionadas em vitrines mal conservadas, sem iluminação adequada, e devido à falta de organização, muitas placas de identificação não correspondiam mais ao instrumento indicado.

Como citado anteriormente, foi realizado em janeiro de 2013, outro inventário, muito mais completo, que identifica o acervo original do Museu a partir de 1890, mostrando seus doadores, as obras extraviadas e o acervo atual já de posse da BAN (Apêndice 1).

Como medida de preservação, as obras do Museu foram patrimoniadas individualmente e o acervo recebeu um tratamento técnico de acordo com normas e padrões internacionais. Receberam tratamento técnico 107 obras que foram inventariadas, registradas e inseridas na base de dados Minerva da UFRJ, base essa que arrola o acervo das unidades de informação que compõem o SiBI/UFRJ, disponível no endereço <http://www.minerva.ufrj.br>. Esse acervo do Museu ficou identificado na base Minerva como Coleção Museu Instrumental Delgado de Carvalho – CMIDC.

6 RESULTADOS

Como resultado dessa investigação, na área de organização da informação sobre instrumentos musicais, é apresentada uma proposta de organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho, tanto no que diz respeito à descrição física dos instrumentos musicais, quanto à sua representação temática, de acordo com os padrões especializados existentes e consagrados internacionalmente na literatura.

Os resultados serão apresentados de acordo com as etapas descritas no capítulo 3, referente à metodologia.

6.1 Inventários

Ao longo de sua existência o acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho foi inventariado em diversas oportunidades, conforme foi detalhado no capítulo três. O quadro 5, a seguir, mostra os inventários realizados.

Quadro 5

Inventários do Acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho

ANO	RESPONSÁVEL	TÍTULO
1890	Leopoldo Miguez	Livro de Inventário de 1890-1895
1905	Delgado de Carvalho	Catálogo do Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro.
1973	Mary Hugo Braga Pinto Coelho	Tentativa de reconstituição do Museu Instrumental da E.N.M.
1974	Luciano Rolla	Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho.
1990	Leo Soares	Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho.
1994	Afifi Craveiro de Almeida	O Museu Instrumental Delgado de Carvalho: breve notícia.
2008	Dolores Castorino Brandão	Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho.
2013	Dolores Castorino Brandão	Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho:1890-2013.

Fonte: Elaboração própria

Observando-se o quadro 5, verificou-se que foram realizados 8 inventários na coleção do Museu Instrumental Delgado de Carvalho, o primeiro deles, ainda no século XIX, em 1890, e o último em janeiro de 2013, por ocasião da realização desse trabalho. Pode-se também afirmar que, de 1905 a 1973, ou seja, durante 68 anos, não foi encontrado qualquer indício de intervenção nessa coleção. O mesmo acontecendo de 1974 a 1990 (26 anos) e de 1994 a 2008 (14 anos).

O inventário de 2008 foi realizado por ocasião da transferência da coleção do Museu Instrumental Delgado de Carvalho para a Biblioteca Alberto Nepomuceno, por determinação da diretoria da Escola de Música. Esse inventário de 2008 e mais os 6 inventários anteriores, permitiram que se realizasse, de forma mais completa, o inventário de 2013, com o diagnóstico completo sobre as perdas que aconteceram no acervo. Além das perdas, foram encontrados 12 instrumentos não relacionados nos inventários anteriores. Cita-se como exemplo, a flauta de madeira de fabricação Clair Godfroy, um ophicleide e um oboé mussete datado de 1860, instrumentos esses, considerados pelos especialistas como instrumentos raros e valiosos.

Ao longo dos anos, do acervo original, os instrumentos e os objetos foram se extraviando ou se deteriorando a cada inventário realizado. Do acervo original de 1890, foi constatado pelo inventário de 2013, a permanência de apenas 35 instrumentos musicais e quatro objetos.

Considera-se importante destacar que, com base nesses trabalhos, foi possível, ainda que de forma incompleta, identificar o acervo do Museu e dar informações sobre ele. Como exemplo, pode-se citar uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), precisamente da professora da Escola de Música da UFRJ, Patrícia Aguillar, sobre uma flauta doce (registro 059/2012) desse acervo, de autoria e de doador não identificados, cujo país de origem é a Alemanha. Com essas informações, a pesquisadora levantou as seguintes hipóteses: a flauta ter sido construída por Johann Christoph Denner (1655-1707), famoso fabricante de instrumentos do período Barroco; da flauta ser uma cópia do século XVIII ou, uma cópia posterior; e também, de ter pertencido a Dom Pedro I.

Por outro lado, outra hipótese também foi levantada com esses estudos: a flauta era de propriedade de Miguez, porém, não foi relacionada no Livro de Inventário de 1890, junto com as outras obras inventariadas e doadas por ele mesmo ao Instituto Nacional de Música, porque à época, ele ainda não era o proprietário do instrumento, que teria sido adquirido em sua viagem a Europa, no período de 1895-1896. No entanto, quase noventa anos depois, no inventário manuscrito, datado de 1974, realizado por Mary Hugo, a flauta doce e mais duas batutas são relacionadas, como sendo doação do ex-diretor, afirmação essa, que a mesma não identifica a fonte⁸.

6.2 Proposta de Organização Descritiva e Temática do Museu Delgado de Carvalho

A proposta apresentada a seguir é uma contribuição à organização da informação e organização do conhecimento no âmbito de instrumentos musicais, e foi elaborada obedecendo a normas e padrões internacionais adotados tanto pela Biblioteconomia, como pela Museologia e pela Organologia.

Como já dito anteriormente, foram realizados estudos em modelos de representação de acervos de instrumentos musicais na Europa, particularmente o trabalho desenvolvido pelo Museu da Música de Lisboa e da Universidade de Edimburgo, na área de Organologia. No Brasil não foi encontrado nenhum modelo a ser seguido para a organização descritiva e temática de instrumentos musicais. No entanto, foi utilizado o trabalho de Evanice Páscoa Costa sobre tratamento de documentação museológica, datado de 2006, que contribuiu de certa forma com alguns elementos. Utilizou-se também, o capítulo 10 do AACR2 referente à Artefatos Tridimensionais e Realia e o formato MARC 21 que são padrões internacionais utilizados pela base de dados Minerva, da UFRJ.

⁸ O Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro. [Anotações manuscritas], 1973. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1905.

Como consequência desses estudos, chegou-se a proposta de representação descritiva e temática dos instrumentos musicais do Museu Instrumental Delgado de Carvalho. Procurou-se atender a todos os elementos sugeridos pelos trabalhos analisados e o resultado é demonstrado no quadro 6, a seguir, que organiza as áreas de descrições sugeridas pelos trabalhos, mostra sua correspondência e/ou equivalência com os padrões biblioteconômicos, MARC 21 e AACR2 e instrui sobre o seu uso.

Quadro 6
Equivalência do estudo de descrição com o formato MARC 21

TRINDADE/ MYERS/COSTA	MARC 21/AACR2		PROPOSTA
Elemento de Descrição	Elemento de Descrição	Campo	
Não consta -	Fonte da Catalogação	040	Registrar a unidade de informação responsável pela catalogação.
Nº do inventário/ Número de aquisição/Número de registro	Classificação	084	Registrar neste campo a classificação organológica de acordo com o sistema Hornbostel–Sachs.
Não consta	Número de chamada local	090	Registrar neste campo a sigla do museu, classificação organológica e o número de localização do instrumento no acervo.
Autoria/Criador	Indicação de responsabilidade	100	Registrar o nome pessoal do construtor do instrumento ou o nome do fabricante, acrescentando a data de nascimento e morte. Usar o termo <i>desconhecido</i> para autoria que não seja possível determinar ou atribuído no caso de autoria atribuída por críticos, estudiosos ou tradição oral.
Denominação/Título/ Nome original	Título principal Designação do material Responsabilidade	245	Este campo deverá conter o nome do instrumento, traduzido para o português conforme a lista adotada pela biblioteca, exceto os instrumentos étnicos que devem ser registrados na língua original. Registrar também, a designação do material e a responsabilidade.
Outras denominações	Título variante	246	Formas variantes do nome do instrumento, inclusive as formas nos diversos idiomas.
Local de origem/ Autoria/Criador/Data	Publicação/Fabricação	260	Registrar o nome do construtor ou do fabricante seguido do local de fabricação e da data completa, dia, mês e ano. Caso não exista a informação exata da data, registrar uma data provável baseada em informações históricas, características técnicas e/ ou estilísticas, aproximando ano, década ou século.

TRINDADE/ MYERS/COSTA	MARC 21/AACR2		
Elemento de Descrição	Elemento de Descrição	Campo	PROPOSTA
Dimensões / Tamanho total	Descrição física	300	Registrar as dimensões do instrumento usando o máximo de precisão possível: Altura Largura Espessura Comprimento Outras Dimensões: Largura do teclado Tampo harmônico Largura do cepo Ponte: largura Espessura da ilharga curta Espessura da ilharga distal
Não consta	Informação de Série	440	Este campo deverá conter informação referente a Coleção.
Não consta	Nota geral	500	Registrar os dados de assessoria musicológica referente ao instrumento descrito.
Marcas e inscrições	Nota geral	500	Transcrever, entre aspas, inscrições, gravações, esculturas, imagens, elementos carimbos, rótulos ou demais marcas presentes no instrumento.
Estado de conservação	Nota geral	500	Registrar o estado de conservação do instrumento obedecendo ao seguinte critério: Ótimo – a peça encontra-se em excelente estado de conservação; Bom – a peça apresenta boa condição de conservação ainda que tenha passado por restauro; Regular – a peça está em processo inicial de deterioração; Péssimo - a peça está em adiantado processo de deterioração.
Falhas/Alterações	Nota geral	500	Registrar qualquer falha ou partes faltantes que prejudicam a aparência ou podem afetar o desempenho do instrumento. Registre neste campo, o tipo de reparo ou modificação realizada no instrumento.
Localização	Nota geral	500	Registrar neste campo a localização atual do instrumento. Se está em exposição ou na reserva técnica da Biblioteca.
Referências bibliográficas	Nota de citação	510	Registrar as informações bibliográficas onde são citadas ou referenciados o instrumento.
Descrição/ Representação/ Características/ Informação técnica	Nota de resumo	520	Registrar neste campo as características físicas, resumindo as peculiaridades próprias do instrumento que podem ser utilizadas para distingui-lo dos demais, como por exemplo, elementos decorativos e número de série e características técnicas do instrumento.

TRINDADE/ MYERS/COSTA	MARC 21/AACR2		PROPOSTA
Elemento de Descrição	Elemento de Descrição	Campo	
Origem/Historicidade/ Incorporação	Nota biográfica ou histórica	561	Registrar dados de procedência, nome dos doadores e outras informações históricas sobre o instrumento.
Não consta	Nota de publicações sobre materiais descritos	581	Registrar os inventários realizados na coleção.
Não consta	Nota de Exposição	585	Registrar neste campo uma nota específica citando a exposições onde o instrumento descrito foi mostrado.
Não consta	Nota de Premiação	586	Registrar neste campo informações de prêmios associados ao instrumento descrito.
Categoria/ Cultura de origem	Assunto – Termo tópico	650	Atribuir o assunto baseado no vocabulário controlado adotado pela instituição.
Instituição /Proprietário	Instituição depositária	850	Registrar o nome da instituição depositária
Não consta	Localização e acesso eletrônico à fotografia do instrumento ou objeto.	856	Este campo deverá conter a informação necessária para localização eletrônica do instrumento musical.
Preenchido por: Data: Validado por: Data: Atualizado por: Data:	–	–	Dados gerados automaticamente pelo sistema. Constam no final da catalogação do instrumento.

Observando-se o quadro 6, verifica-se que o capítulo 10 do Código AACR2 e o formato MARC 21, padrões utilizados pela Biblioteconomia, são viáveis para a descrição de instrumentos musicais de acordo com as normas de inventário/catalogação estudados.

O resultado da aplicação dessa proposta é mostrado em dois exemplos de catalogação de uma flauta de madeira e de um saltério na base Minerva da UFRJ.

Figura 5:
Exemplo de Representação na Base Minerva: Flauta de madeira

FMT	VM
LDR	00000nr 22 a 4500
003	UFRJ
005	20130418083055.0
008	120904q1840 fr nnn d
040	a EM
084	a 421.1. Classificação segundo Sistema Hornbostel–Sachs: Aerofone: Flautas sem aeroduto.
090	a MIDC/EM/UFRJ 421.1 I4 Prat. 19
100 1	a Godfroy, Clair, d 1774-1841.
245 10	a Flauta transversa h [Instrumento musical] / c Clair Godfroy.
260	a Paris : b Clair Godfroy, c c. 1840.
300	a 1 flauta ; c Descrição: Comprimento total 65 cm.
440 0	a Coleção Museu Instrumental Delgado de Carvalho.
500	a Assessoria musicológica: Eduardo Monteiro/Escola de Música da UFRJ.
500	a Estado de conservação: Ótimo.
500	a Inscrição gravada no porta lábio: "Callado. 20 de março de 1880. Seu discípulo João Duarte".
520 1	a Instrumento feito em madeira cocus. Mecanismo de prata. Chave de trinado de dó. Tubo cônico. Porta lábio de prata incrustado na madeira que envolve externamente o orifício da cabeça. Sistema Boehm com anéis.
561	a "Clair Godfroy é considerado um dos principais inovadores na construção da flauta no século XIX. Alguns de seus procedimentos construcionais permanecem em uso até a presente data, tais como: chaves com braços, chave dupla de sol # e incrustação de prata no bocal. Durante muitos anos a flauta pertencente ao acervo do museu, foi erroneamente considerada como tendo sido de propriedade de Joaquim Callado. Este mal entendido deve-se a inscrição gravada no porta lábio do instrumento. Na verdade a inscrição é uma homenagem de um aluno a seu mestre por ocasião da morte deste. Callado também preconizava o uso da flauta de cinco chaves, opondo-se ao uso do Sistema Boehm. Fonte: Eduardo Monteiro, 2013.
581	a Inventário de 2008: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho/ Organização de Dolores Castorino Brandão.
650 04	a Flauta transversa [Instrumento musical].
650 04	a Aerofones - x Instrumento musical
850	a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Música.
856 42	u http://objdig.ufrj.br/26/Instrumento Musical/780623.jpeg z imagem
CAT	a DBRANDAO26 b 20 c 20130418 l UFR01 h 0830
SYS	000780623

Figura 6:
Exemplo de Representação na Base Minerva:Saltério

FMT	VM
LDR	00000nr 22 a 4500
005	20130418084755.0
008	101117s1767 rjb f r d
040	a EM
084	a 314. Classificação segundo Sistema Hornbostel-Sachs: Cítaras retas ou em forma de tabuleiro.
090	a MIDC/EM/UFRJ 314 I2 Prat. 17
100 1	a Santiago, Antônio Martins.
245 10	a Saltério h [Instrumento musical] / c Antônio Miz. Santiago.
260	a Rio de Janeiro : Convento do Morro do Castelo : b Antônio Muniz Santiago, c 1767.
300	a 1 saltério ; c Descrição: largura longa: 75 cm x largura curta: 37cm ; comprimento: 30cm x altura: 9,8cm.
440 1	a Coleção Museu Instrumental Delgado de Carvalho.
500	a Assessoria musicológica: Rogério Budasz/Department of Music. University of California
500	a Estado de conservação: Ótimo.
500	a Inscrição: "Antonio Miz. S. Santiago, o fez no Castello do Rio de Janeiro ano 1767".
510 1	a Budasz, Rogério. Uma tablatura para saltério do século XIX. Revista Eletrônica de Musicologia Vol. 1., 1996, p. 4. Disponível em: < www.rem.ufpr.br/_REM/REMv1.1/vol1.1/saltport.html >. Acesso em 10 mar. 2013.
520 1	a Instrumento feito em madeira em formato de trapézio sem braço. Possui 22 ordens de cordas, sendo 10 de quatro cordas e 12 de cinco cordas; ferramenta de afinar e jogo completo de cavaletes.
561	a "Entre 1753 e 1756, Antonio Martins Santiago atuava em Vila Rica como organeiro e construtor de saltérios (é assim que o instrumento é denominado em documentos da época). Em 1762 já estava estabelecido no Rio de Janeiro, expandindo suas atividades a ponto de exportar seus instrumentos para Portugal. São conhecidos instrumentos seus em museus de Guimarães (1762), Petrópolis (1765), Rio de Janeiro (1767), Lisboa (1769) e São Paulo (1775). Além desses, eu possuo um instrumento que é certamente dele, mas que não tem a etiqueta de identificação. Esse instrumento possui detalhes inconfundíveis, como as rosetas e algumas particularidades do encordoamento. Saltérios, inclusive um de Antonio Martins Santiago, também são encontrados em anúncios no Diário do Rio de Janeiro em 1821, 1824 (mencionando Santiago) e ainda em 1831. A abreviatura Miz na inscrição dá a impressão que o nome é Muniz, mas documentos de Minas Gerais e o livro de Antonio Vieira dos Santos dão o nome do construtor como Martins". Fonte: Rogério Budasz, 2013.
581	a Inventário de 1974: Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho/ Organização Luciano Rolla; Inventário de 1990: Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho/Organização Léo Soares; Inventário de 1994: O Museu Instrumental Delgado de Carvalho: breve notícia/Organização Afifi Craveiro de Almeida; Inventário de 2008: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho/ Organização Dolores Castorino Brandão; Inventário de 2013: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho: 1890-2013/Organização Dolores Castorino Brandão.
650 04	a Saltério [Instrumento musical].
650 04	a Cordofones dedilhados - x Instrumento musical.
850	a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Música.
856 42	u http://objdigi.ufrrj.br26/Instrumento Musical/751688.jpeg z Imagem
CAT	a SDIAS26 b 20 c 20110128 l UFR01 h 1124
CAT	a DBRANDAO26 b 20 c 20120629 l UFR01 h 1440
SYS	000751688

A organização temática do acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho, conforme já mencionado no capítulo referente a Metodologia, foi realizada com base no trabalho *Systematik der Musikinstrumente*, publicado em 1914, de autoria de Erich Moritz Von Hornbostel e Curt Sachs.

Essa classificação foi traduzida resumidamente por Eduardo Monteiro, e foi utilizada para classificar o acervo em questão.

O quadro 7, a seguir, apresenta a relação dos instrumentos musicais ordenados segundo a classificação proposta por Hornbostel–Sachs e conforme a classificação resumida traduzida por Eduardo Monteiro (Anexo 1).

Quadro 7:
Acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho
Classificação dos Instrumentos Musicais

Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
1	Hud - caixa sonora feita de uma casca de tartaruga.	Idiofones	Em fase de identificação	Pedro Sá
2	Carcabas - castanholas de metal usadas pelos nativos da República do Sudão, África. Cada par compõe-se de duas peças, unidas por finas cordas.	Idiofones	111.1 Idiofones percutidos e simultaneamente chacoalhados..	Pedro Sá
3	Triângulo estilo ferrinho - o estilo ferrinho ou triângulo de baião também é o estilo peculiar de tocar os ritmos nordestinos e de algumas folias e danças rurais portuguesas. Este exemplar do museu é de tamanho grande.	Idiofones	111.2 Idiofones percutidos	Pedro Sá
4	Triângulo estilo ferrinho - o estilo ferrinho ou triângulo de baião também é o estilo peculiar de tocar os ritmos nordestinos e de algumas folias e danças rurais portuguesas.. Este exemplar do museu é de tamanho pequeno.	Idiofones	111.2 Idiofones percutidos	Pedro Sá
4	Cencerro - originalmente é pendurado no pescoço do animal para identificação. Este exemplar não possui badalo. Tamanho pequeno, contendo uma peça inclusa para fixá-lo em uma estante própria. Nome variante: Sino de vaca sem badalo, cowbell.	Idiofones	111.2 Idiofones percutidos	Pedro Sá

Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
5	<p>Cencerro - originalmente é pendurado no pescoço do animal para identificação. Este exemplar não possui badalo. Tamanho pequeno, contendo uma peça inclusa para fixá-lo em uma estante.própria.</p> <p>Nome variante: Sino de vaca sem badalo, cowbell.</p>	Idiofones	111.2 Idiofones percutidos	Pedro Sá
6	<p>Reco-Reco - instrumento musical popular feito de um gomo de bambu cujo a superfície possui uma série de sulcos para serem atritados ou friccionados por um tipo próprio de baqueta.</p>	Idiofones	112.2 Idiofones raspados	Pedro Sá
7	<p>Reco-Reco - instrumento musical popular feito de madeira cujo a superfície possui uma série de sulcos para serem atritados ou friccionados por um tipo próprio de baqueta.</p>	Idiofones	112.2 Idiofones raspados	Pedro Sá
8	<p>Baz - pequeno tímpano de bronze.</p>	Membranofones	211.1 Tímpanos	Pedro Sá
9	<p>Naqqara - pequeno tambor árabe, antecessor dos modernos tímpanos. A forma é semelhante ao tímpano europeu. Altura indeterminada.</p>	Membranofones	211.1 Tímpanos	Pedro Sá
10	<p>Naqqara - pequeno tambor árabe, antecessor dos modernos tímpanos. A forma é semelhante ao tímpano europeu. Altura indeterminada.</p>	Membranofones	211.1 Tímpanos	Pedro Sá
11	<p>Dog-Dog - tambor da ilha de Java, Indonésia, de uma só membrana e fuste comprido, feito de bambu. Altura indeterminada.</p>	Membranofones	211.21 Tambores cilíndricos	Pedro Sá
12	<p>Darabuka - tambor árabe com uma só membrana, com fuste em forma de cálice, que pode ser de barro, madeira ou metal, embora existam versões ocidentais feitas de fibra de vidro. Este exemplar do museu é de barro, no tamanho grande, sem ornamentações.</p> <p>Nome variante:, derbouka, darabukkeh, tambour árabe, tamburo arabo.</p>	Membranofones	211.26 Tambores em forma de taça	Pedro Sá
13	<p>Darabuka - tambor árabe com uma só membrana, com fuste em forma de cálice, que pode ser de barro, madeira ou metal, embora existam versões ocidentais feitas de fibra de vidro. Este exemplar do museu é de madeira.</p> <p>Nome variante: derbouka, darabukkeh, tambour árabe, , tamburo arabo.</p>	Membranofones	211.26 Tambores em forma de taça	Pedro Sá

Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
14	<p>Darabuka - tambor árabe com uma só membrana, com fuste em forma de cálice, que pode ser de barro, madeira ou metal, embora existam versões ocidentais feitas de fibra de vidro. Este exemplar do museu é de barro, no tamanho pequeno.</p> <p>Nome variante: derbouka, darabukkeh, tambour árabe, arabische trommel, tamburo arabo.</p>	Membranofones	211.26 Tambores em forma de taça	Pedro Sá
15	<p>Riq - tipo de adufe (membranofone com fuste estreito sem função de caixa de ressonância). Este exemplar do museu possui um fuste marrom, ornamentado com quadrados e triângulos na cor pérola.</p>	Membranofones / Idiofones	211.3 Tambores de pele emoldurada No caso do Riq ele pode ser classificado também como membranofone/idiofone	Pedro Sá
16	<p>Riq - tipo de adufe (membranofone com fuste estreito sem função de caixa de ressonância). Este exemplar do museu possui um fuste pintado nas partes externa e interna, recebe decorações em cores contra um fundo avermelhado.</p>	Membranofones / Idiofones	211.3 Tambores de pele emoldurada No caso do Riq ele pode ser classificado também como membranofone/idiofone	Pedro Sá
17	<p>Cítara boemia - instrumento de madeira em formato de trapézio sem braço, com um conjunto de cordas que podem ser picadas ou percutidas.</p>	Cordofones	314 Cítaras retas ou em forma de tabuleiro.	Paulo Sá
18	<p>Saltério - instrumento de madeira em formato de trapézio sem braço. Este exemplar do Museu foi construído no Rio de Janeiro no Convento do Morro do Castelo por Antônio Muniz Santiago, 1767.</p>	Cordofones	314 Cítaras retas ou em forma de tabuleiro.	Rogério Budaz
19	<p>Sem denominação - instrumento de cordas construído a partir de uma caixa de charuto, provavelmente construído para um trabalho escolar.</p>	Cordofones	314 Cítaras retas ou em forma de tabuleiro	Eduardo Monteiro
20	<p>Violino Surdina - o violino surdina, também conhecido como mudo, é um violino que não possui caixa de ressonância. Manufatura de João dos Santos Couceiro, século XIX.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alycio de Mattos

Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
21	Violino Surdina - o violino surdina, também conhecido como mudo, é um violino que não possui caixa de ressonância. Manufatura de João dos Santos Couceiro/ Sistema de Charles F. Albert, século XIX.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
22	Violino - fabricação de João dos Santos Couceiro, 1889.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
23	Meio-violino - pequeno violino. O primeiro usado por Leopoldo Miguez. Manufatura e procedência desconhecidas, século XIX.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
24	Violino - fabricação de Ricardo Roveda, 1927.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
25	Violino - inspirado em Jacobus Stainer - Escola Tirolesa, provavelmente do século XIX.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
26	Violino - inspirado em Jacobus Stainer - Escola Tirolesa, provavelmente do século XIX.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
27	Promenade-Violon - espécie de pochette (violino de algibeira) feita no corpo de uma bengala.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
28	Aktara Sarangi - instrumento de cordas feito de uma só peça de madeira de forma ovoide muito alongada, tendo por tampo harmônico uma membrana. A cabeça termina pela figura esculpida de uma ave.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
29	Viola – manufatura e procedência desconhecidas.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
30	Viola d'Amore - manufatura de Nicolas Augustin Chappuy, 17--?.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Alysio de Mattos
31	Bandolim - bandolim modelo Napolitano. Fabricação de Fratelli Vinaccia. Século XX.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Paulo Sá
32	Bandolim - modelo Napolitano (braço modelo Romano). Fabricação de Giuseppe Manfredi, final do século XIX.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Paulo Sá

Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
33	<p>Bandolim - modelo napolitano. Instrumento híbrido porque mistura o modelo napolitano com o modelo português de fundo chato. Ornamentado com madrepérola e desenho colado em casco de tartaruga. Fabricação de Porfírio Martins e Cia, provavelmente do século XX.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Paulo Sá
34	<p>Bandolim - modelo napolitano. Instrumento híbrido porque mistura o modelo napolitano com o modelo português de fundo chato. Ornamentado com madrepérola e desenho colado em casco de tartaruga. Fabricação de Porfírio Martins e Cia, provavelmente do século XX.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Paulo Sá
35	<p>Banduuitarra - instrumento híbrido porque é formado de um corpo de bandurra, com afinação de violão e braço de guitarra. Manufatura de João da Silva Braga, 1912.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Paulo Sá
36	<p>Banjo – manufatura de C. Nelson, provavelmente da década de 1940.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Paulo Sá
37	<p>Violão de dois braços - fabricante e procedência desconhecidos.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Paulo Sá
38	<p>Sitar - instrumento de madeira coberto de decorações a vernizes de cores e ouro. Há várias espécies de sitars, este exemplar parece ser um pequeno Madhyama-sitar (Sitar em fá). Fabricado em Delhi por Mohamad Busc.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Eduardo Monteiro
39	<p>Mayuri Vina - o nome do instrumento é derivado da palavra Mayùr, que significa pavão em língua indiana e Táus em persa. A caixa sonora tem o formato semelhante ao da ave que lhe empresta o nome. Fabricado em Delhi. Nome variante: Teijùs ou Meyùra Vina.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça.	Eduardo Monteiro
40	<p>Hu Chin - caixa sonora cilíndrica confeccionada a partir de um pedaço de bambu, tendo como tampo harmônico um fragmento de pelo de uma cobra jibóia. Fabricado na China.</p>	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Eduardo Monteiro

Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
41	Yne-Kin – instrumento composto de duas tábuas redondas reunidas por uma tabuleta de 36 cm. De altura em toda a sua circunferência.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Paulo Sá
42	Kemangeh agouz - o corpo sonoro é formado a partir de uma noz de coco. Na parte superior da noz está colocada uma pele de peixe. A noz apresenta vários orifícios. O braço e as duas cravelhas são torneados. Sobre a pele, repousa um cavalete que sustenta duas cordas de crina de cavalo, cada uma formada por cerca de 60 fios. O arco tem cerca de 90 cm de comprimento. Um espigão de ferro atravessa a noz de coco e serve de apoio como no violoncelo moderno. Do instrumento original só restou a noz de coco. Instrumentos popular entre os árabes do Irã.	Cordofones	321.3 Alaúdes de alça	Eduardo Monteiro
43	Harpa Cromática - instrumento de cordas. Fabricado em Paris por Pleyel Wolff Lyon & Cia.	Cordofones	322 Harpas	Eduardo Monteiro
44	Flauta transversa – flauta de prata. Fabricado em Paris por: Theobald Boehm, provavelmente do século XIX.	Aerofones	421.1 Flautas sem aeroduto	Eduardo Monteiro
45	Flauta transversa - flauta de prata. Fabricado em Milão por Barlassina & Zanetti.	Aerofones	421.1 Flautas sem aeroduto	Eduardo Monteiro
46	Flauta transversa - flauta de madeira. Fabricado em Paris por Clair Godfroy provavelmente do século	Aerofones	421.1 Flautas sem aeroduto	Eduardo Monteiro
47	Flauta transversa - flauta de madeira. Fabricado em Paris Lefréve. .	Aerofones	421.1 Flautas sem aeroduto	Eduardo Monteiro
48	Flauta transfersa – flauta de prata. Fabricado por Leuret.	Aerofones	421.1 Flautas sem aeroduto	Eduardo Monteiro
49	Kavall - flauta tipo pastoril, ricamente ornamentada. Fabricada na Bulgária.	Aerofones	421.1 Flautas sem aeroduto	Eduardo Monteiro
50	Di-Zi – flauta de bambu com 11 furos ornamentada em cores verde e vermelho com caracteres chineses. Fabricada na China.	Aerofones	421.1 Flautas sem aeroduto	Eduardo Monteiro

Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
51	Hattong - instrumento de sopro consistindo de tubos de comprimentos graduados, ligados uns aos outros na forma de um feixe, lado a lado como uma jangada. Este exemplar possui 12 tubos. Fabricado na Ilha de Java	Aerofones	421.112.12 Flauta de pan	Eduardo Monteiro
52	Hatong - Hattong - instrumento de sopro consistindo de tubos de comprimentos graduados, ligados uns aos outros na forma de um feixe, lado a lado como uma jangada. Este exemplar possui 3 tubos. Fabricado na Ilha de Java.	Aerofones	421.112.12 Flauta de pan	Eduardo Monteiro
53	Quena - flauta com 6 furos típica da região dos Andes.	Aerofones	421.2 Flautas de bisel, ou com aeroduto	Eduardo Monteiro
54	Tibia. flauta de índios Astecas. É feita de uma tibia humana.	Aerofones	421.2 Flautas de bisel, ou com aeroduto	Eduardo Monteiro
55	Flauta Doce Baixo - flauta em madeira. Fabricada na Alemanha. Data Incerta, caracteriza-se como as flautas da primeira metade do séc.XVIII.	Aerofones	421.22 Flautas com aeroduto interno	Patricia Aguilar
56	Sorlings - flauta de bambu com ornamento lavrados a fogo. Possui 6 furos laterais. Fabricado na Ilha de Java.	Aerofones	421.22 Flautas com aeroduto interno	Eduardo Monteiro
57	Calliope - espécie de flauta. Fabricada nos Estados Unidos provavelmente no século XIX.	Aerofones	421.222.11 Flautas com aeroduto interno e bisel agrupadas.	Eduardo Monteiro
58	Fagote – instrumento de sopro feito em madeira. Fabricado em Paris por Buffet Crampom.	Aerofones	422.1 Aerofone de palheta - Oboés	Eduardo Monteiro
59	Fagote – instrumento de sopro feito em madeira. Fabricado em Paris por Lefèvre.	Aerofones	422.1 Aerofone de palheta - Oboés	Eduardo Monteiro
60	Corne-inglês - instrumento tenor da moderna família do Oboé. Fabricado em Paris por Buffet Crampom.	Aerofones	422.1 Aerofone de palheta - Oboés	Eduardo Monteiro
61	Oboé Mussete – pequeno oboé, o menor membro da família Oboé. Fabricado por Buthod & Thibouville, cerca de 1860. Nome variante: Piccolo oboé	Aerofones	422.1 Aerofone de palheta - Oboés	Eduardo Monteiro

Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
62	<p>Oboé - instrumento de sopro de tubo cônico, de madeira, vibrado através de palheta dupla. Fabricado em Paris por Buffet Crampom,</p>	Aerofones	422.1 Aerofone de palheta - Oboés	Eduardo Monteiro
63	<p>Oboé – instrumento de sopro de tubo cônico, de madeira, vibrado através de palheta dupla. Este exemplar do museu foi fabricado em Turim por Fortunato Vinatieri no século XVIII.</p>	Aerofones	422.1 Aerofone de palheta - Oboés	Eduardo Monteiro
64	<p>Zamr-El-Kebyr - instrumento de palheta dupla dos árabes modernos semelhante ao oboé. É construído em três tamanhos: o maior chama-se Zamr-el-kebyr, exemplar do museu, o médio, mais usado, simplesmente Zamr e o menor, Zamr-el-sog-hayr. Fabricado em Marrocos.</p>	Aerofones	422.1 Aerofone de palheta - Oboés	Eduardo Monteiro
65	<p>Corno de Basseto - espécie de clarinete em Fá, tem o corpo ligeiramente diferente (curvo ou angular), muito usado por Mozart, mas caiu em desuso. Fabricado em Berlim por Griessling & Schlott entre os anos de 1805 e 1841. Nome variante:Bassethorn, basset-horn.</p>	Aerofones	422.2 Clarinetas	Mônica Lucas
66	<p>Clarinete alto – instrumento de sopro da família dos metais.Fabricado em Paris por Lefèvre.</p>	Aerofones	422.2 Clarinetas	Cristiano Alves
67	<p>Corneta lisa – fabricado em Paris por de Gautrot Brevete.</p>	Aerofones	423.1 Trompetes naturais	Eduardo Monteiro
68	<p>Corneta - instrumento de barro feito rústicamente. Possui a forma de um pequeno clarim. Fabricado em Portugal.</p>	Aerofones	423.1 Trompetes naturais	Eduardo Monteiro
69	<p>Oficleide - Instrumento de sopro da família dos metais de bocal com chaves, antecessor da tuba. Fabricado em Paris por Evette & Schaeffer ANC & Mon Buffet-Crampon & Cie. Nome variante: oficleide, ophicleide Fígle.</p>	Aerofones	423.271 Trompetes cromáticos com mecanismo de	Eduardo Monteiro

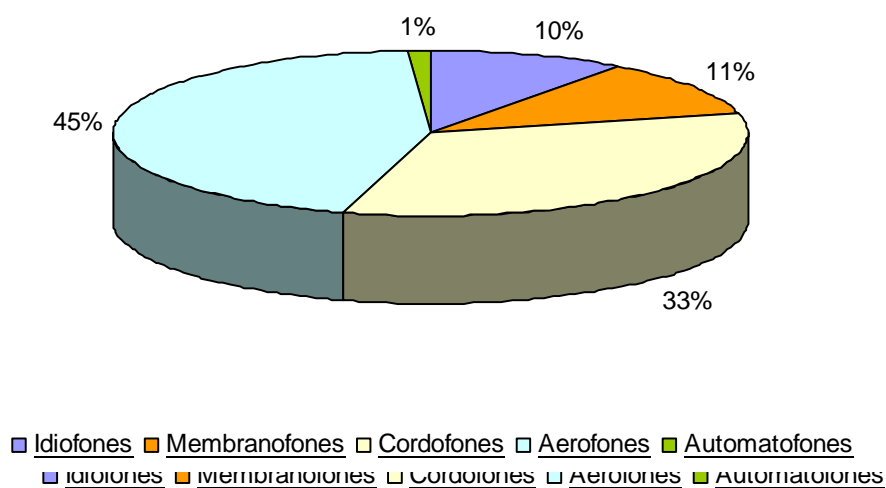
Nº	INSTRUMENTO	CLASSIFICAÇÃO	CLASSES	ASSESSORIA MUSICOLÓGICA
70	Bombardino - instrumento de metal da família dos trombones de pistão. É usado na orquestra e na banda. Fabricado em Paris por Lefèvre.	Aerofones	423.2 Trompetes cromáticos	Eduardo Monteiro
71	Trompa em Fá – instrumento de sopro da família dos metais. Fabricado em Paris por F. Besson.	Aerofones	423.2 Trompetes cromáticos	Eduardo Monteiro
72	Trombone de pistões - instrumento de sopro da família dos metais. Fabricado em Paris por F. Besson.	Aerofones	423.2 Trompetes cromáticos	Eduardo Monteiro
73	Cornet em Sib - instrumento de sopro da família dos metais, bocal com 3 pistons. Fabricado em Paris por F. Besson.	Aerofones	423.2 Trompetes cromáticos	David Alves
74	Cornet em Sib - instrumento de sopro da família dos metais, bocal com 3 pistons. Fabricado em Paris por F. Besson.	Aerofones	423.2 Trompetes cromáticos	David Alves
75	Cornet em Sib - instrumento de sopro da família dos metais, bocal com 3 pistons. Fabricado em Paris por F. Besson.	Aerofones	423.2 Trompetes cromáticos	David Alves
76	Saxofone alto em Mib - família de instrumentos de sopro e de banda militar. São tocados com uma única palheta batente, como um clarinete, mas têm o tubo cônico, como um oboé. Fabricado em Paris por Buffet Crampom, 1912.	Aerofones	422.2 Clarinetas	Pedro Bittencourt
77	SaxHorn em Mib - instrumento de sopro da família dos metais. Fabricado em Paris por F. Besson.	Aerofones	423.2 Trompetes cromáticos	
78	Flauta de êmbolo – em fase de identificação.	Aerofones	Em fase de identificação	Eduardo Monteiro
79	Trompa indígena - o tubo é de bambu coberto de tecido de palha de junco de cores amarela e sépia escura. O instrumento completo possui uma cabeça de forma alongada que constitui a campana do instrumento. No exemplar do museu falta a cabeça. Instrumento dos índios Carajás do rio Araguaia. Goiás.	Aerofones	Em fase de identificação	Eduardo Monteiro
80	Fonógrafo - aparelho que fixa e reproduz o som mecanicamente, movido por um sistema de molas. Fabricado no Thomas Alva Edison, 8 de maio de 1888.	Automatofones	5	Eduardo Monteiro

A partir da classificação do acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho foi possível identificar o número de instrumentos musicais e sua classe correspondente.

O gráfico 1, a seguir, mostra o percentual de instrumentos em cada classe.

Gráfico1

Percentual dos instrumentos musicais segundo a classificação organológica



Como proposta para indexação de assuntos dos instrumentos musicais, tendo em vista a escassez de estudos na área de vocabulário controlado, o presente trabalho apresenta um protótipo de tesouros em instrumentos musicais, especificamente em cordofones dedilhados e friccionados (Apêndice 3). Este protótipo servirá de modelo para elaboração de um tesouros de instrumentos musicais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como ponto de partida a coleção do Museu Instrumental Delgado de Carvalho, esta pesquisa teve como objetivo contribuir para a organização de acervos de instrumentos musicais no Brasil.

Apesar das dificuldades encontradas considera-se que os objetivos propostos foram cumpridos.

Percebeu-se o quão complexo é o tratamento técnico de instrumentos musicais e, devido a esta complexidade, buscou-se estudar o tema de forma interdisciplinar aplicando normas e padrões de organização existentes na Biblioteconomia, Museologia e Organologia.

No término do trabalho certos pontos observados durante a pesquisa merecem destaque:

1. Fica claro que o trabalho realizado por Leopoldo Miguez foi essencial para a elaboração do catálogo publicado em 1095 e forneceu também informações importantes, antes desconhecidas, para a realização desta pesquisa.
2. A classificação criada por Hornbostel e Sachs foi de fundamental importância e pioneirismo, cuja divisão desenvolvida pelos autores possibilita uma melhor ordenação e classificação dentro da Organologia. Os autores utilizaram números para representar as classes, eliminando assim as barreiras linguísticas, vez que esses símbolos não verbais são linguagens internacionais.

Por outro lado, verifica-se que os autores se utilizaram de um padrão biblioteconômico que foi a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal, por sua vez, utilizou um padrão organológico que foi a classificação de Hornbostel e Sachs.

3. Observou-se que a utilização de normas e padrões internacionais na organização desse acervo, garante uma representação adequada do documento, de modo a atender aos usuários de forma eficiente. A partir de sua informatização na base Minerva é possível também, disseminar o acervo em nível internacional.
4. Durante o processo de identificação, catalogação, classificação e indexação dos instrumentos musicais, percebeu-se a importância do diálogo entre bibliotecários e musicólogos na busca de uma representação qualificada.
5. Os resultados obtidos na área da linguagem documentária do domínio de instrumentos musicais evidenciam a importância de novas pesquisas e experiências neste campo, demonstrando também, a necessidade de uso de vocabulário controlado que possibilite as diversas instituições indexarem seus acervos de forma consistente, bem como intercambiar informações entre si.

Assim foi demonstrado que o tema abordado deve ser amplamente discutido entre os profissionais envolvidos como bibliotecários, museólogos, musicólogos e etnomusicólogos que, sem sombra de dúvidas, complementarão com suas expertises, questões importantes sobre a representação de instrumentos musicais.

Finalmente, espera-se que o modelo possa contribuir com outras unidades de informação que possuam acervo semelhante.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Afifi Craveiro. Museu Instrumental Delgado de Carvalho : breve história. **Revista Brasileira de Música**. Rio de Janeiro, v.21, p.87-94, 1994.

AUGUSTO, Antonio José. **A questão Cavalier**: música e sociedade no império e na república (1846-1914). Rio de Janeiro: Folha Seca, 2010.

BRAGA, Mary Hugo Pinto. **A Biblioteca Alberto Nepomuceno**. Rio de Janeiro, 1973. Documento datilografado.

----- **Tentativa de reconstituição do Museu da E.N.M.** Rio de Janeiro, 1973.

BRANDÃO, Dolores Castorino. **Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho**. Rio de Janeiro, 2008. Documento datilografado.

----- **Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho: 1890-2013**. Rio de Janeiro, 2013. Documento datilografado.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. **Organização da Informação ou Organização do Conhecimento?** In: ENANCIB, 9, 2008, São Paulo. Disponível em: > <http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

BRASIL. Decreto nº 143, de 12 de janeiro de 1890. Extingue o Conservatório de Música e cria o Instituto Nacional de Música. **Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, fasc. 1. 1890.

BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. **Notícia histórica dos serviços, instituições e estabelecimentos pertencentes a esta instituição**:elaborada por ordem do respectivo ministro dr. Amaro Cavalcanti.Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

CARDOSO, André. A Escola de Música da UFRJ e suas coleções especiais. In: **Universidade e lugares de memória**; organização de Antonio José Barbosa de Oliveira. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008.

CARVALHO, Delgado de. **O Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

CAVALCANTI, C. R. **Indexação e tesouro: metodologia e técnica**. Brasília, ABDF, 1978.

CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL; edição média em língua portuguesa. 2. ed. Brasília: IBICT, 2007.

CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. 2. ed. ver. São Paulo: FEBAB, 2004.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Qualis Periódicos**, 2006. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>>. Acesso em 30 nov. 2012.

CORRÊA, Rosa Maria Rodrigues. **Catálogo descritiva no século XXI: um estudo sobre o RDA**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: <www.marilia.unesp.br/Home/Pos.../correa_rmr_me_mar.pdf>. Acesso em 4 jan. 2013.

COSTA, Evanise Páscoa (Org.). **Princípios Básicos da Museologia**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006, 100p. Disponível em: <http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/downloads/p_museologia.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2013.

DE PAOLA, Andrey Quintella; GONZALES, Helenita Bueno. **Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro: história & arquitetura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA. Edição concisa; editado por Stanley Sadie. – Rio de Janeiro : Zahar, 1994.

DODEBEY, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Intertexto: Niteroi; Interciência: Rio de Janeiro, 2002.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: Teoria para uma boa prática. In: **Caderno de ensaios, nº2 Estudos de museologia**. Rio de Janeiro, Minc/Iphan, 1994 p. 64-73

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli; BOCCATO, Vera Regina Casari. As diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre indexação e catalogação de assuntos. In: FUJITA, Mariângela Spotti (Org.). **A indexação de livros : a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

HENRIQUE, Luís L. **Instrumentos musicais**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

HORNBOSTEL, Erich M. Von; SACHS, Curt Sachs. Systematik der Musikinstrumente: ein versuch. **Galpin Society Journal**, vol. 4, n.4, p.552-590, 1914. Disponível em: <<http://www.oberlin.edu/faculty/rknight/Organology/H-S-1914-German.pdf>>. Acesso em 29 nov. 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA. **Livro de inventário das obras, 1890-1895**.

INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA. **Regulamento**. Rio de Janeiro, 1900.

KARTOMI, Margaret. The Classification of Musical Instruments: Changing Trends in Research from the Late Nineteenth Century, with Special Reference to the 1990s. **Ethnomusicology**, Vol. 45, No. 2 (Spring - Summer, 2001), pp. 283-314. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/852676>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1993.

MAHILLON, Victor Charles. **Éléments d'acoustique musicale & instrumentale**. Bruxelles: C. Mahillon, 1874. Disponível em: < <http://archive.org/stream/elementsdacousti00mahigoog#page/n6/mode/2up>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

MIGUEZ, Leopoldo. **Organização dos Conservatórios de Música na Europa**. Relatório apresentado ao ministro da Justiça e Negócios Interiores por Leopoldo Miguez, diretor do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro em desempenho da comissão de que foi encarregado em aviso d mesmo Ministério de 16 de março de 1895. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1897.

MYERS, Arnold. Cataloguing standards for instrument collections. **CIMCIM Newsletter**, no. 14, p.14-28, 1989. Disponível em: < <http://www.music.ed.ac.uk/euchmi/cimcim/itn/itnXIVc.html#Standardisation>>. Acesso em 15 jan. 2013.

MÚSICA: UM MUSEU EM TOM MAIOR. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno B, 14 fev. 1974, p.2.

ORTEGA, Cristina Dotta. Surgimento e consolidação da documentação :subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.14, número especial, p.59-79, 2009. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/899>>. Acesso em 13 fev. 2013.

PAHLEN, Kurt. **Introdução à música** : síntese do saber musical. São Paulo: Melhoramento, 1949.

PEREIRA, Avelino Romero. **Música, sociedade e política**: Alberto Nepomuceno e a república musical. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Rev. Antropol.** 2001, v. 44, n.1. Disponível em: <
www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034>. Acesso em 22 jan.. 2013.

RIBEIRO, Antônia Motta de Castro Memória. **Catálogo de recursos bibliográficos AACR2R em MARC21**. 3. ed ver. e ampl.- Brasília: Ed. do autor, 2006. 1 v.

ROLLA, Luciano. **Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho**, 1974.

ROSSETO, Márcia. Uso do Protocolo Z39.50 para recuperação de informação em redes eletrônicas. **Ci. Inf.** 1997, vol.26, n.2 ISSN 0100-1965. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651997000200004>>. Acesso em 22 mar. 2013.

SANTOS, Gildenir Carolino; RIBEIRO, Célia Maria. **Acrônimos, siglas e termos técnicos**: arquivística, biblioteconomia, documentação, informática. Campinas: Átomo, 2003.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa. A representação da informação em arquivos viabilidade de uso dos padrões utilizados na biblioteconomia. **Acervo**. Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 20, n.1-2, p. 57-66, jan./dez. 2007. Disponível em: <
<http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/138>>. Acesso em: 17 de dez. 2012.

SOARES, Léo. **Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho**, 1990.

TRINDADE, Maria Helena. **Normas de Inventário**: Instrumentos Musicais. Instituto dos Museus e da Conservação, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Centro de Letras e Artes. Regimento da Escola de Música. Boletim da Escola de Música. **Suplemento**. Rio de Janeiro, n.5, 1. fev. 1973.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em:
<www.marilia.unesp.br/Home/Pos.../yassuda_sn_me_mar.pdf> Acesso em 22 nov. 2012.

APENDICE 1:
INVENTÁRIO DO ACERVO DO MUSEU INSTRUMENTAL
DELGADO DE CARVALHO 1890-2013

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
1	Rabecas surdas Manufatura de João dos Santos Couceiro.	Pág. 4 Doação de João dos Santos Couceiro.	Nº 1 Violino Surdina	Pág.1	Nº 3	Nº 80	Pág. 90.	Armário 1	001/2010 Nome adotado: Violino surdina	/////
2	Rabecas surdas. Sistema de Charles F. Albert. Manufatura de João dos Santos Couceiro.	Pág. 4 Doação de João dos Santos Couceiro.	Nº 2 Violino Surdina	Pág.1	Nº 2	Nº 2	Pág. 90.	Armário 1	002/2010 Nome adotado: Violino surdina	/////
3	.Cor – de – Basset.	Pág. 4 Doação de João dos Santos Couceiro.	Nº 4 Bassethor n	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome do doador.	Nº 40	Nº 46	Pág. 90.	Armário 2	037/2013 Nome adotado: Corno de Basseto	/////
4	Piano - italiano em formato de mesa - Fabricação de Fratelli Ponti, 1807.	Pág. 7 Doação de Arthur Napoleão.	Nº 6	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome do doador.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 90.	Não consta	/////	Obra Extraviada
5	Augklang - instrumento composto por três tubos de bambu.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 12	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador e obra não localizada.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada com o nome de Augklang, Pág. 90.	Não consta	/////	Obra Extraviada

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
6	Augklang - instrumento composto por três tubos de bambu.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº13	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador e obra não localizada.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada com o nome de Augklang, Pág. 90.	Não consta	/////	Obra Extraviada
7	Augklang - instrumento composto por três tubos de bambu.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 14	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador e obra não localizada.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada com o nome de Augklang, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
8	Augklang - instrumento composto por três tubos de bambu.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 15	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador e obra não localizada.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada com o nome de Augklang, pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada.
9	Xylophone. França. Instrumento composto de 36 lâminas ou cilindros de madeira.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 82	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
10	Rek ou Rebaba - pandeiro cujo aro tem incrustações de madrepérola e marfim.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 29	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Nº 51	Nº 58	Pág. 90.	Armário 3	072/2013 Nome adotado: Riq	/////
11	Baz ou tabla - pequeno timbale de bronze.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 30	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Nº 49	Nº 56	Pág. 90.	Armário 3	074/2013 Nome adotado: Baz	/////
12	Naggarah - pequeno timbale de cobre.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 31	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Nº 44	Nº 53	Pág. 90.	Armário 3	075/2013 Nome adotado: Naqqara	/////
13	Naggarah - pequeno timbale de cobre.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 32	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Nº 44	Nº 53	Pág. 90.	Armário 3	076/2013 Nome adotado: Naqqara	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
14	Tabl - instrumento de percussão feito com tronco de árvore) Egito.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli	Nº 33	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 90.	Não consta	/////	Obra Extraviada
15	Tabl ? Dog-Dog	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 34 Dog-Dog	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Nº 46	Nº 54	Pág. 90.	Armário 3	077/2013 Nome adotado Dog-Dog.	/////
16	Tarabuca.	Pág. 22 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 35	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Nº 54	Nº 61	Pág. 90.	Armário 3	078/2013 Nome adotado: Darabuka.	/////
17	Tabla - instrumento de percussão feito de bambu grosso.	Pág. 23 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 36	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
18	Darabukkeh -tambor de caixa de madeira, pintado e ornamentado de madreperla e marfim.	Pág. 23 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 37	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Nº 45	Nº 26	Pág. 90.	Armário 1	079/2013 Nome adotado: Darabuka	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
19	Sorlings - Java, flauta de bambu com ornamento lavrados a fogo. Possui 6 furos laterais).	Pág. 23 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 38	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Nº 55	Nº 22 - Sorlin (relaciona 2 unidades)	Pág. 90.	Armário 1	056/2013	//////
20	Monaulio - (flauta de bambu com 21 tubos).	Pág. 23 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 39	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	//////	Obra Extraviada
21]	Hattong - flauta de bambu com 12 tubos , Java.	Pág. 23 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 40	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905 do nome dos doadores.		Nº 65 - Hatong	Pág. 90.	Armário 3	053/2013 :	//////
22	Hattong - flauta de bambu com 3 tubos, Java.	Pág. 23 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 41	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome dos doadores.	Nº 61	Nº 66	Pág. 90	Armário 3	054/2013	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
23	Zummarah Myjwiz (- instrumento de sopro composto de dois tubos de canas. Síria.	Pág. 23 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 42 Myjwiz	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como obra extraviada com o nome de Mujwiz Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada.
24	Gung (Gông) - instrumento de sopro composto por dois bambus.	Pág. 24 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 43	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome dos doadores.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
25	Sarangi - instrumento de arco – Índia.	Pág. 24 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 44	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome dos doadores; obra infectada.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada.
26	Tetara Sarangi. Índia.	Pág. 24 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 45	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
27	Aktara - pequena Sarangi . Índia.	Pág. 24 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 46	Pág.11	Nº 14	Nº 13	Pág. 90.	Armário 1	009/2009 Nome adotado: Aktara Sarangi.	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
28	Mashuk ou Ramanchi. Índia.	Pág. 25 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 47	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: mau estado de conservação.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada.
29	Peacock Been? Teijùs Índia (Delhi). Instrumento de madeira cujo nome deriva da figura de um pavão.	Pág. 25 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 48 Teijùs ou Meyuri.	Pág.11	Nº 11	Nº 10. Relacionada com o nome de Majuri Vina	Relacionado com o nome de Meyura Vina, pág. 90.	Armário 1	022/2009 Nome adotado: Mayuri Vina.	/////
30	Rebab - Java. caixa sonora de cedro.	Pág. 25 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 49	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada.
31	Kemangeh Ágouz - o corpo é formado de uma noz de coco.	Pág. 25 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 50	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905:sem o cabo.	Nº 63	Nº 68	Pág. 90.	Armário 3	025/ 2013 Kemangeh agouz.	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
32	Kyterah Barbarych - Sudão. Lyra dos berberes também conhecido como kyterab.	Pág. 25 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 51	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905:só a gamela.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada.
33	Tamburáh. Núbia. (caixa sonora, cuja forma lembra a de uma canoa).	Pág. 26 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 52	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como obra extraviada com o nome de Taniburah Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada.
34	Sitar. Índia.	Pág. 26 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 53	Não consta	Nº 13	Nº 12	Pág. 90.	Armário 1	021/2012	/////
35	Banjo. Estados Unidos.	Pág. 26 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 54	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome dos doadores.	Nº 73	Nº 77	Pág. 90.	Armário 5	017/2012	/////
36	San- Duang - Gi-Hin – Sudão. Caixa sonora feita de bambu.	Pág. 29 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 55 Gi-Hin	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome dos doadores.	Nº 18	Nº 16	Pág. 90.	Armário 1	023/2013 Nome adotado: Hu chin -	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
37	Auto harp - Estados Unidos. caixa harmônica com tampo de pinho, possui 23 cordas de aço.	Pág. 29 Doação de João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli.	Nº 56	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: péssimo estado.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada.
38	Yne-Kin - China. (chamado pelos ingleses de guitarra lunar). Possui 4 cordas de seda.	Pág. 30 Doação de Rodolfo Bernadelli.	Nº 57	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome dos doadores.	Nº 16	Nº 70	Pág. 90	Armário 3	024/2013	/////
39	San-Kin. China. Instrumento de cordas em forma de caixa sonora elíptica coberta com pele de jibóia.	Pág. 30 Doação de Rodolfo Bernadelli.	Nº 58	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada.
40	Carcabas ou Karabib - Sudão (hoje Camboja). castanholas de ferro.	Pág. 31 Doação de João Baptista da Motta.	Nº 59	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador.	Nº 58	Nº 63	Pág. 90		064/2013 Nome adotado: Carcabas	/////
41	Carcabitas ou Sagat. Marrocos. Instrumento de percussão	Pág. 31 Doação de João Baptista da Motta.	Nº 61	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada.
42	Sonaja ou Tar. Marrocos. Pandeiro com 5 aberturas duplas. O arco é pintado com decorações e cores.	Pág. 31 Doação de João Baptista da Motta.	Nº 62	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador.	Nº 50	Nº 57	Relacionado com o nome de Sonja ou Tar, pág. 90	Armário 3	073/2013 Nome adotado: Riq	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
43	Derbuka. Marrocos. Pequeno tambor de barro coberto em um das extremidades por uma pele.	Pág. 32 Doação de João Baptista da Motta.	Nº 63	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador.	Nº 64	Nº 50	Pág. 90	Armário 3	080/2013 Nome adotado: Darabuka	//////
44	Zamr-El-Kebyr. Marrocos. Instrumento de palheta dupla dos árabes modernos semelhante ao oboé.	Pág. 32 Doação de João Baptista da Motta.	Nº 64	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador.	Nº 53	Nº 60	Relacionado com o nome de Zamir el Kabir, Pág. 90	Armário 2	0472013/	//////
45	Guembri. Marrocos. Instrumento de cordas.	Pág. 33 Doação de João Baptista da Motta.	Nº 65	Não consta	Não consta		Relacionada como extraviada, Pág. 89		//////	Obra Extraviada.
46	Hud. Marrocos. Caixa sonora feita de uma casca de tartaruga.	Pág. 33 Doação de João Baptista da Motta.	Nº 66	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: só a casca.	Nº 65	Nº 69	Pág. 90	Armário 3	071/2013	//////
47	Tíbia. México Flauta de índios Astecas. É feita de uma tíbia humana.	Pág. 33 Doação de Rodolfo Bernadelli.	Nº 67	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador.	Nº 62 - Flauta	Nº 67 - Flauta	Pág. 90	Armário 3	057/2013	//////
48	Calliope. Estados Unidos. Espécie de flauta.	Pág. 33 Doação de Rodolfo Bernadelli.	Nº 68	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: nome do doador.	Nº 56	Nº 62	Pág. 90	Armário 3	0582013/	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
49	Guembri. Marrocos. Instrumento de cordas.Exemplar semelhante ao Nº 65 (Catálogo 1905).	Pág. 34 Doação de Rodolfo Bernadelli.	Nº 76	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada.
50	Siamisen (instrumento de cordas vibradas).	Não consta	Nº 3	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: só o cabo.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada.)
51	Gong ou Tam-Tam(prato de metal.	Não consta	Nº 5	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada, com o nome de Gum ou Tam-Tam como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada.).
52	Violino / João dos Santos Couceiro, 1889.	Não consta	Nº 7	Pág.1	Nº 6	Nº 5	Pág. 90	Armário 1	003/2010	/////
53	Mecanismo de piano de cauda.	Não consta	Nº 8	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	/////	Obra Extraviada..
54	Mecanismo de piano vertical.	Não consta	Nº 9	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa..	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	/////	Obra Extraviada...
55	Cymbal - instrumento de cordas vibradas com macete.- Hungria.	Não consta	Nº 10	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada..
56	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 16	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada..

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
57	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 17	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada..
58	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 18	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada..)
59	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 19	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada..
60	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 20	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	v
61	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 21	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada..)
62	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 22	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada..

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
63	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 23	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
64	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 24	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
65	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 25	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
66	Raintjang (instrumento feito com bambu).	Não consta	Nº 27	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: dado baixa.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
67	Tjalangs - espécie de xilofone.	Não consta	Nº 28	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: em mau estado.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
68	Promenade - Violon. Alemanha. Espécie de pochette feita no corpo de uma bengala.	Não consta	Nº 69	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: doação de João dos Santos Couceiro.	Nº 20	Nº 18	Pág. 90.	Armário 1	008/2011	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
69	Sourdine-Pedale. Surdina de metal presa a um estandarte de violino.	Não consta	Nº 70	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: não tem.	Não consta	Não consta	Não consta.	Não consta	/////	Obra Extraviada
70	Assobio.	Não consta	Nº 71	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
71	Maracá. Brasil. Chocalho usado pelos índios coroados de Mato Grosso. O corpo do instrumento é de cabaça e todo coberto de penas azuis e vermelhas.	Não consta	Nº 72	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: só a casca.	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
72	Maracá. Brasil. Chocalho usado pelos índios coroados de Mato Grosso. O corpo do instrumento é de cabaça e todo coberto de penas azuis e vermelhas.	Não consta	Nº 73	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89.	Não consta	/////	Obra Extraviada
73	Hica. Brasil. Instrumento usado pelos índios coroados de Mato Grosso.	Não consta	Nº 74	Pág. 15	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada.
74	Trompa indígena, Goiás. O tubo é de bambu coberto de tecido de palha de junco de cores amarela e sépia escura.	Não consta	Nº 75	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: em mau estado.	Nº 59	Nº 64	Pág. 90		059/2013	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
75	Modelo de medalhas conferidas aos alunos laureados do Instituto Nacional de Música.	Não consta	Nº 77	Consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	094/2013	//////
76	Máscara mortuária.	Não consta	Nº 78	Consta	Não consta	Não consta	Não consta	Em fase de identificação	095/2013	//////
77	Carillon. Bélgica. Pequena caixa contendo um instrumento de 27 teclas.	Não consta	Nº 79	Não consta	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, Pg. 89.	Não consta	//////	Obra Extraviada.
78	Batuta - feita de unicorne e ouro usada por Leopoldo Miguez.	Não consta	Nº 80	Pág. 16	Não consta	Não consta	Não consta.	Não consta	//////	Obra Extraviada.
79	Batuta - usada por Eduardo Mascheroni na noite de seu benefício no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro e, 30 de setembro de 1900.	Não consta	Nº 80 A	Pág. 16	Não identificada	Não identificada	Não identificada.	Não identificada	Em fase de identificação	//////
80	Flauta doce. Alemanha. Flauta usada nos séculos XIII a XVI.	Não consta	Nº 81	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: doação de Leopoldo Miguez..	Nº 39	Nº 45	Pág. 90.	Armário 2	059/2013	//////
81	Meio-violino - Pequeno violino, o primeiro usado por Leopoldo Miguez.	Não consta	Nº 83	Pág. 14	Nº 1	Nº 1	Pág. 90.	Armário 1	004/2010	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
82	Coleção de Autógrafos.	Não consta	Nº 84	Consta	Não consta	Não consta	Não consta.	Não consta	Acervo de Docs Históricos da BAN	//////
83	Coleção de Autógrafos.	Não consta	Nº 85	Consta	Não consta	Não consta	Não consta.	Não consta	Acervo de Docs. Históricos da BAN	//////
84	Clarim. França. Instrumento de metal.	Não consta	Nº 86	Pág. 3	Não consta	Não consta	Relacionada como extraviada, pág. 89.	Não consta	//////	Obra Extraviada.
85	Corneta. Portugal. Instrumento de barro com forma de um pequeno clarim.	Não consta	Nº 87	Anotação manuscrita no Catálogo de 1905: tem.	Nº 48	Nº 51	Relacionada equivocadamente como extraviada, pág. 89 , mas consta no acervo.	Armário 2	029/2012	//////
86	Violino. Manufatora de Ricardo Roveda.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 4	Nº 3	Não consta.	Armário 1	005/2010	//////
87	Violino. Inspirado em Jacobus Stainer - Escola Tirolesa.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 5	Nº 4		Armário 1	006/2010	//////
88	Viola. De provável autor italiano (Testore).	Não consta		Não consta	Nº 7	Nº 6	Pág. 90.		010/2010	//////
89	Violino. Inspirado em Jacobus Stainer - Escola Tirolesa.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 8	Nº 7		Armário 1	007/2010	//////
90	Viola d'Amore.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 9	Nº 8	Pág. 90.	Armário 1	011/2010	//////
91	Ébano. Peça de madeira utilizada na construção de escalas, cravelhas, estandartes, etc.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 10	Nº 9	Não consta.	Armário 1	085/2013	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
92	Cítara Boêmia.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 12	Nº 11	Cítara Boêmia - pág. 89.	Armário 1	019/2010	/////
93	Abeto - Conhecida como pinho - Madeira usada para a fabricação de tampo dos instrumentos de arco.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 15	Nº 14	Não consta.	Armário 1	086/2013	/////
94	Plátano - Madeira utilizada na manufatura de violino, viola, violoncelo e contrabaixo.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 17	Nº 15	Não consta.	Armário 1	087/2013	/////
95	Primeiro fundo feito para violino em uma só peça de madeira com os violinos de AMATUS, oferecido ao Sr. Rodrigues Barbosa por Santos Couceiro em 1904.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 19	Nº 17	Não consta.	Armário 1	082/2010	/////
96	Pau-Brasil - Madeira utilizada na manufatura de arcos de violino, viola, violoncelo e contrabaixo.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 21	Nº 19	Não consta.	Armário 1	084/2013	/////
97	Arco de violino em construção - Madeira Pau-Brasil.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 22	Nº 20 (a legenda está apagada)	Não consta.	Armário 1	083/2013	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
98	Cítara. Brasil. Convento do Castelo no Rio de Janeiro em 1767. Manufatura de Antônio Muniz Santiago.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 23	Nº 21	Pág. 89.	Armário 1	020/2010 Nome adotado: Saltério	//////
99	Cítara. Brasil. Convento do Castelo no Rio de Janeiro em 1767. Manufatura de Antônio Muniz Santiago.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 23	Nº 21	Pág. 89.	Armário 1	020/2010 Nome adotado: Saltério	//////
100	Cornetim - instrumento de sopro, bocal com 3 pistões. Fabricação de F. Besson, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 23A	Nº 28 A	Pág. 89.	Armário 2	034 2013 Nome adotado: Cornet em Sib	//////
101	Flauta de prata - Fabricante Th. Boehm, Paris. Exposição de 1867.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 24	Nº 29	Pág. 89.	Armário 2	048/2013 Nome adotado: Flauta transversa	//////
102	Sax-Horn em Mib-. Fabricação de F. Besson , Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 25	Nº 30	Pág. 89.	Armário 2	039/ 2013 Nome adotado: Sax-Horn em Mi b	//////
103	Trompa a pistões em Fá. Fabricação F. Besson.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 26 . Trompa em FÁ	Nº 31 Trompa em FÁ	Pág. 89.	Armário 2	032/2013/ Nome adotado: Trompa em Fá	//////
104	Fagote- Fabricação se Buffet Crampom, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 27	Nº 32	Pág. 89.	Armário 2	041/2013	//////

	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
105	Fotografia de Joaquim Antônio Callado.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 28	Nº 33	Não consta	Armário 2	096/2013	//////
106	Trompete em Mib. Fabricação de F. Besson, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 29	Nº 28B Relacionado como Cornetim. Fabricação F. Besson.	pág. 89	Armário 2	035 2013/ Nome adotado: Cornet em Sib	//////
107	Fotografia Henrique Alves de Mesquita.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 30	Nº 35	Não consta	Armário 2	097/2013	//////
108	Flauta de madeira. Fabricação de Levêvre, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 31	Nº 36	pág. 89	Armário 2	0512013/ Nome adotado: Flauta transversa	//////
109	Oboé de Ébano. Fabricação de Buffet Crampon, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 32	Nº 37	pág. 89	Armário 2	045/2013	//////
110	Fotografia de Viriato Figueira.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 33	Nº 38	Não consta	Armário 2	098/2013	//////
111	Batuta - Pertenceu ao Maestro Ernesto Ronchini, Fabricação de Luciano Rolla.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 34	Nº 40	Não consta	Armário 2	089/2013	//////
112	Flauta de Prata. Fabricação Barlassina & Saetti, Milão. Doação de Francisco Manoel de Castro.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 35	Nº 41	Pág. 89	Armário 2	049/2013 Nome adotado: Flauta transversa	//////
113	Corne-inglês - Fabricação Buffet Crampon, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 36	Nº 42	Pág. 89	Armário 2	043/2013	//////
114	Oboé. Construída por Fortunato Vinatierl.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 37	Nº 43	Pág. 89	Armário 2	046/2013	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
115	Clarone. Fabricação de Levêfre, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	N 38	Nº 44	Pág. 89	Armário 2	038/2013 Nome adotado: Clarinete alto	//////
116	Trompa Marinha. Fabricação de Gautrot Brevete, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 41	Nº 47	Pág. 89	Armário 2	028/2013 Nome adotado: Corneta Lisa	//////
117	Saxofone alto em Mib. Fabricação Buffet-Crampon, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 42	Nº 48. O fabricante foi relacionado equivocadamente como S. Chazffer, Paris.	Pág. 89	Armário 2	040/2013	//////
118	Fagote. Fabricação Lefèvre, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 43	Nº 49	Pág. 89	Armário 2	042/2013	//////
119	Fagote. Fabricação Lefèvre, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 43	Nº 49	Pág. 89	Armário 2	042/2013	//////
120	Reco-Reco – instrumento musical popular feito de um gomo de bambu.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 47	Nº 55	Pág. 89	Armário 3	069/2013	//////
121	Triângulo de ferro.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 52	Nº 59	Pág. 89	Armário 3	066/2013 Nome adotado: Triangulo estilo ferrinho	//////
122	Kavall ou Caval. Espécie de flauta, ricamente ornamentada..	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 57	Nº 23	Pág. 89	Armário 3 Só consta 1 exemplar.	061/2013	//////
123	Bombardino. Fabricação Fevêvre, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 66	Nº 71	Pág. 89	Armário 4	031/2013	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
124	Bombardino. Fabricação Fe vèvre, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 66	Nº 71	Pág. 89	Armário 4	031/2013	//////
125	Harpa Cromática. Fabricação Pleyel Worf Lyon & Cia, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 67	Nº 72	Pág. 89	Armário 4	027/2013	//////
126	Sax-Horm. Fabricação de Buffet Champon, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 68	Nº 73	Pág. 89	Armário 2	039/2013	//////
127	Trombone de pistões. Paris. Fabricação de F. Besson.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 69	Nº 74	Pág. 89	Armário 2	033/2013	//////
128	Túnica. Pertenceu a Arthur Napoleão.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 70	Nº 75	Pág. 89	Armário 3	Péssimo estado de conservação	//////
129	Bandolim. Fabricação de Fratelli Vinaccia Doação de Zilah de Moura Brito.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 71	Nº 76	Pág. 89	Armário 5	012/2013	//////
130	Bandolim. Nápoli. Fabricação de Giuseppe Manfredi. Doação Carlinda Filgueira da Costa.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 72	Nº 27	Pág. 89	Armário 5	013/2013	//////
131	Banduuitarra. Instrumento híbrido construído por João da Silva Braga, 1912.Brasil.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 74	Nº 78	Pág. 89 - Banduuitarra	Armário 5	016/2010	//////
132	Violão de dois braços	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 75	Nº 79	Pág. 89	Armário 5	018/2010	//////
133	Fonógrafo ou phonografo - Estados Unidos. Fabricação de Thomas Alva Edison, 8 de maio de 1888.	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 76	Nº 83	Não consta	Foyer	081/2013	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
134	Instrumento popular Búlgaro	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 24	Não consta	Não identificado	/////	Obra Extraviada.
135	Batuta de marfim com encarte em ouro e espiral em prata. Pertenceu a Joanídia Sodré.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 25	Não consta	Cofre	090/2013	/////
136	Cornetin com 3 pistões. Paris Fabricação de F. Besson.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 34	Não consta	Não consta	/////	Obra Extraviada.
137	Flauta de madeira. Fabricação de Levêvre, Paris.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 36B - A descrição realizada não corresponde ao instrumento. Nº 36B	Não consta	Não consta	A descrição correta da obra correspon-de ao registro 051/2013	/////
138	Cornetin. Paris Instrumento de sopro. Fabricação de F. Besson.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Nº 39	Pág. 89		036/2013 Nome adotado: Cornet em Sib	/////
139	Violino F. Breton Brevet.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 7	Pág. 89	Não consta	/////	Obra Extraviada.
140	1 par de palmas de mãos em chumbo. Acervo Joanídia Sodré.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 7	Pág. 89	Armário 7	101/2013	/////
141	Quadro em alto relevo de Chopin.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 7	Pág. 89	Armário 7	099/2013	/////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
142	Conjunto de 6 batutas.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 7	Pág. 89	Armário 7 Armário 7 - Dos 6 objetos identificados como batutas: 3 batutas estão inteiras, 3 estão quebradas e partidas ao meio e 1 é uma vareta de pau. Fonte André Cardoso.	0922013	//////
143	Quadro a óleo (20cm x 10 cm.) pintado por G. Bianchi.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 7	Pág. 89	Não consta	100/2013	//////
144	Mão em gesso da pianista Yolanda Ferreira.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 7	Pág. 89	Armário 7	102/2013	//////
145	Vaso de gesso (pintado de bege) com busto de Carlos Gomes e duas figuras femininas portando máscaras.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Em cima do armário 4	103/2013	//////
146	Ophicleide. Instrumento de sopro da família dos metais de bocal com chaves. Antecessor da tuba.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 4	0302013	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
147	Oboé Mussete. Instrumento musical em madeira de buxo. Pertenceu ao maestro Lazoli. Fabricação Buthod & Thibouville. Data aproximada 1860.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	044/2013	//////
148	DI-Zi - Flauta de bambu com 11 furos ornamentada em cores verde e vermelho com caracteres chineses – China.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 2	062/2013	//////
149	Flauta de madeira. Sistema Boehm com anéis. Fabricação de Clair Godfroy.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 2	050/2013 Nome adotado: Flauta transversa	//////
150	Flauta de Embalo. As notas são obtidas através de um deslizamento de um embalo.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	063/2013 Em fase de identificação	//////
151	Quena. Flauta com 6 furos típica da região dos Andes	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	055/2013	//////
152	Bandolim. Fabricação de Porfírio Martins e Cia. Fornecedor Guitarra de Prata.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Fabricação de Porfírio Martins e Cia. Fornecedor Guitarra de Prata.	Armário 5	014/2010	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
153	Bandolim. Fabricação de Porfírio Martins e Cia. Fornecedor Guitarra de Prata.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Fabricação de Porfírio Martins e Cia. Fornecedor Guitarra de Prata.	Armário 5	014/2010	//////
154	Bandolim Fabricação de Porfírio Martins e Cia. Fornecedor Guitarra de Prata.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 5	015/2010	//////
155	Sino de vaca sem badalo ou Cencerro. Este exemplar não possui badalo. Tamanho pequeno.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	068/2013 Nome adotado: Cencerro	//////
156	Reco-Reco de madeira.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	070/2013	//////
157	Triângulo de ferro.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	067/2013 Nome adotado: Triangulo de ferrinho	//////
158	Sem denominação - Instrumento de cordas construído a partir de uma caixa de charuto.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	026/2013	//////
159	Batuta - Batuta de madeira com ornamentos em marfim nas duas pontas com desenhos de lira e violino. Pertenceu ao maestro Carlos Gomes.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Cofre da Escola de Música	088/2013	//////

Nº	Título da obra como registrado no primeiro inventário	Inventário de 1890-1895	Catálogo de 1905	Inventário de 1973	Inventário de 1974	Inventário de 1990	Inventário de 1994	Inventário de 2008	Registro Atual BAN	Observações
160	Lança indígena.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	104/2013	//////
161	Conjunto de 6 máscaras mortuárias.	Não consta	Não consta	Não consta				Armário 3	107/2013	//////
162	Anjinhos em gesso.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 3	105/2013	//////
163	Troféu Estácio de Sá.	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Não consta	Armário 7	106/2013	//////

OBS: As obras foram relacionadas pela ordem de entrada no acervo

Fontes: Inventários do Acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho. 1890-2008.

APÊNDICE 2:
RELAÇÃO DOS DOADORES DO MUSEU INSTRUMENTAL
DELGADO DE CARVALHO

DOADOR	INSTRUMENTO	DATA DE REGISTRO
Aristotelina Braga da Silva Marques, Almerinda Braga Pereira Marques, Alcina, Almir e Altamiro Verneck Braga, filhos do construtor, João da Silva Braga,	Banduuitarra	8 de agosto de 1962
Arthur Napoleão	Piano /Fratelli Ponti / Milano, 1807	Outubro de 1890
Berta Lutz	Violino F. Breton Brevet	
Carlinda Filgueiras Lima da Costa	Bandolim. Fabricação de Giuseppe Manfredi.	
Francisco Manoel de Castro	Flauta de prata. Fabricação Barlassina & Saetti.	
Joanídia Sodré	Batuta de marfim com encaixe em ouro e espiral em prata. Pertenceu a Joanídia Sodré	
	1 par de palmas de mãos em chumbo.	
João Baptista da Motta	Castanholas de ferro (Carcabas ou Karabib	Setembro de 1894
	Riq (Sonaja ou Tar)	
	Darabukka (Darbuka)	
	Zamr-El-Kebyr	
	Guembri	
João Baptista da Motta e Rodolfo Bernadelli	Hud	Fevereiro de 1894
	Augelang – 4 exemplares	
	Riq (Rek)	
	Baz	
	Tabl	
	Tabla	
	Dog-Dog	
	Darabuka (Tarabuca)	
	Tabla	
	Darabuka (Darabukken)	
	Sorling	
	Monaulio	
	Hattong – 2 exemplares	
	Gung	
	Sarangi	
	Tetara sarangi	
	Aktara	
	Mashuk ou Ramanchi.	
	Meyura Vina (Teijùs ou Meyùri)	
	Rebab	
Kyterah Barbarych		
Tamburáh.		
Sítar		
Hu- chin (Gi-Hin)	Agosto de 1894	
Auto-Harp		
Yne-Kin		
San-Kin		

DOADOR	INSTRUMENTO	DATA DE REGISTRO
João dos Santos Couceiro	Violino surdina	Agosto de 1890
	Violino surdina	
	Corno de basseto	
	Violino	
	Primeiro fundo feito para violino em uma só peça de madeira com os violinos de AMATUS	1904
João dos Santos Couceiro	Violino	
Leopoldo Miguez	Batuta usada pelo maestro	
	Batuta do maestro Eduardo Mascheroni	
	Flauta doce	
Rodolfo Bernadelli	Tíbia	Setembro de 1894
	Calliope	
Zillah de Moura Brito	Bandolim / Fratelli Vinaccia	

Fontes: Inventários do Acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho.1890 -2008.

APÊNDICE 3:

**MICRO-VOCABULÁRIO DE CORDOFONES FRICCIONADOS:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O TESAUSOS DE INSTRUMENTOS MUSICIAIS**

Esta parte da pesquisa pretende explorar a questão do domínio organizacional na área da organologia sugerindo a elaboração de um micro-vocabulário para instrumentos musicais, especificamente os instrumentos musicais de cordofones dedilhados e friccionados com arco, visando aumentar a eficiência e a eficácia da recuperação dos documentos.

No Brasil, atualmente, dentre os profissionais que trabalham com acervos relativos à Música, mas especificamente relacionados com os instrumentos musicais, é fato conhecido a necessidade de um instrumento de vocabulário controlado que possibilite as diversas instituições indexarem seus acervos de forma consistente, bem como intercambiar informações entre si.

Nesse contexto, o micro-vocabulário servirá como experiência para elaboração de um tesaurus de instrumentos musicais. Os exemplos nesta área são tão escassos que evidencia a necessidade de novas pesquisas e experiências neste campo e a importância do diálogo entre profissionais da área de Biblioteconomia e da Organologia cujas contribuições foram essenciais para o desenvolvimento da classificação dos instrumentos musicais.

Apresenta-se a seguir os resultados das análises realizadas na elaboração do micro-vocabulário, conforme exposto anteriormente na metodologia.

Resumo dos termos usados:

Foram usados 24 termos na construção do vocabulário controlado, a saber:

Quadro 8 - Ocorrência de termos na literatura analisada

TERMO	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
Alaúde	1	1,2
Baixo	3	3,7
Baixo instrumental	5	6,1
Bandolim	1	1,2
Cítara	7	8,6
Contrabaixo	3	3,7
Cordofones	1	1,2
Guitarra	3	3,7
Guitarra inglesa	1	1,2
Guitarra portuguesa	1	1,2
Harpa	1	1,2
Instrumentos de cordas	1	1,2
Instrumentos de cordas dedilhadas	3	3,7
Saltério	2	2,4
Viola	17	20,9
Violão	11	13,5
Violino	14	17,2
Violoncelo	6	7,2
TOTAL	81	100

O relacionamento de termos do micro-vocabulário foi elaborado da seguinte forma:

Quadro 9 – Legenda do micro-vocabulário

NE	Nota explicativa. Inclui a definição do termo.
TG	Termo geral, ao qual se subordina o termo selecionado.
TE	Termo específico – numa relação hierárquica, subordinado ao termo geral.
TR	Termo específico – para uma relação associativa.
USE	Remissiva Ver, utilizada para indicar o descritor autorizado.
UP	Remissiva Usado por, utilizada para indicar os não-descritores.

MICRO-VOCABULÁRIO EM ORDEM ALFABÉTICA.

ALAÚDE

NE Instrumento de cordas dedilhadas, de importância capital para a música do Ocidente a partir do final da Idade Média até o séc. XVIII. Suas características são um corpo piriforme, com o fundo abaulado, construído a partir de ripas de madeira (“ilhargas”) curvadas e coladas umas às outras. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 15)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Bandolim

TR Cítara

TR Harpa

TR Saltério

TR violão

BANDOLIM

NE Instrumento de cordas dedilhadas, dotado de espelho, com o corpo arredondado. O corpo pode ser talhado a partir de um bloco de madeira ou (a partir do sec. XVII) construído como alaúde. A cravelheira costuma ser curva. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 71)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde

TR Cítara

TR Harpa

TR Saltério

TR violão

BAIXO

USE: Contrabaixo

BAIXO INSTRUMENTAL

USE: Contrabaixo

CELLO

USE: Violoncelo

CÍTARA

NE O mais importante instrumento de corda da antiguidade greco-romana, maior e mais pesado que a lira, com o qual se parece. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 199)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde

TR Bandolim

TR Harpa

TR Saltério

TR Violão

CONTRABAIXO

NE Entre os instrumentos de arco, o maior e de sonoridade mais grave. O contrabaixo moderno tem entre quatro ou cinco cordas e frequentemente soa uma 8 abaixo do violoncelo. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 217)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones friccionados com arco*

TR Violino

TR Viola

TR Violoncelo

TR Baixo

UP Baixo instrumental

CORDOFONES BELISCADOS

USE: *Cordofones dedilhados*

CORDOFONES

NE Termo genérico para instrumentos cujo som é produzido por meio de cordas retesadas entre extremidades fixas. Os cordofones formam uma das quatro classes principais de instrumentos (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 223).

TE *Cordofones friccionados*

TE Cordofones de teclado

UP Instrumentos de cordas

CORDOFONES DEDILHADOS

NE Pertence à classe dos Cordofones. O som obtém-se ao dedilhar nas cordas do instrumento. (HENRIQUE, 2004).

TG *Cordofones friccionados*

TR *Cordofones friccionados com arco*

TR Alaúde

TR Bandolim

TR Cítara

TR Harpa

TR Saltério

TR Violão

UP Cordofones beliscados

UP Instrumentos de cordas dedilhadas

CORDOFONES FRICCIONADOS

NE Pertence à classe dos Cordofones sendo subdivididas em instrumentos friccionados com arco e instrumentos dedilhados (HENRIQUE, 2004).

TG Cordofone

TE *Cordofones friccionados com arco*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Cordofone de teclado

UP Instrumentos de cordas friccionadas

CORDOFONES FRICCIONADOS COM ARCO

NE Pertence à classe dos Cordofones. O som obtém-se ao friccionar o arco nas cordas do instrumento (HENRIQUE, 2004).

TG *Cordofones friccionados*

TR *Cordofones dedilhados*

TE Contrabaixo

TE Viola

TE Violino

TE Violoncelo

GUITARRA

USE: Violão

HARPA

NE Nome genérico para instrumentos de cordas dedilhadas, em que o plano das cordas é perpendicular à tabua de harmonia. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 409).

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde

TR Bandolim

TR Cítara

TR Saltério

TR violão

INSTRUMENTOS DE CORDAS

USE: Cordofones

INSTRUMENTOS DE CORDAS FRICCIONADAS

USE: *Cordofones friccionados*

INSTRUMENTOS DE CORDAS DEDILHADAS

USE: *Cordofones dedilhados*

SALTÉRIO

NE Instrumento da família da cítara, consistindo de uma caixa de ressonância de madeira, na qual estendem-se séries de cordas entre pinos metálicos ou cravelhas de madeira. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, pág. 817)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde

TR Bandolim

TR Cítara

TR Harpa

TR Saltério

TR Violão

VIOLA

NE Instrumento de arco, com trastes, em geral, apoiado verticalmente no colo ou, em tamanhos maiores, entre as pernas (daí o nome “viola de gamba”, literalmente “viola de perna”). (DICIONÁRIO GROVE, 1994, pág. 995)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones friccionados com arco*

TE Contrabaixo

TE Violino

TE Violoncelo

UP Viola de arco

UP Violeta

VIOLA DE ARCO

USE: Viola

VIOLETA

USE: Viola

VIOLÃO

NE Instrumento de corda da família do alaúde. O violão clássico moderno tem, à frente do braço, um espelho (“escala”) habitualmente com 19 trastes (que formam o mesmo número de “casas”), seis cordas, uma caixa de ressonância de madeira, com a forma de um 8, uma abertura circular (“boca”) e fundo plano. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, pág. 996)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde

TR Bandolim

TR Cítara

TR Harpa

TR Saltério

UP Guitara

VIOLINO

NE O membro soprano da família de instrumentos de arco, que inclui a viola e o violoncelo, um dos instrumentos mais versáteis e duradouros da história da música. Sua capacidade para o som sustentado é notável e dificilmente outro instrumento consegue igualar sua gama de expressão e intensidade. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 997)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones friccionados com arco*

TE Contrabaixo

TE Viola

TE Violoncelo

VIOLONCELO

NE O Instrumento baixo da família do violino [.....]. Teve origem no século XVI, como um membro da família chamada viole da braccio. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 1000)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones friccionados com arco*

TE Contrabaixo

TE Viola

TE Violino

UP Cello

ARTIGOS SELECIONADOS

ANDRÉS, A.; BORÉM, F. O grupo UAKTI: três décadas de música instrumental e de novos instrumentos musicais acústicos. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.23, 2011, p.170-184. Disponível em: <http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/23/num23_cap_17.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2012.

LIMA, Edilson Vicente de. O enigma do lundu. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, out. 2010. Disponível em <<http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm23-2/rbm23-2-08.pdf>>. Acesso em 29 nov. 2012.

MERHY, Silvio Augusto. As transcrições das canções populares em Viagem pelo Brasil de Spix e Martius. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, out. 2010. Disponível em <<http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm23-2/rbm23-2-07.pdf>>. Acesso em 29 nov. 2012.

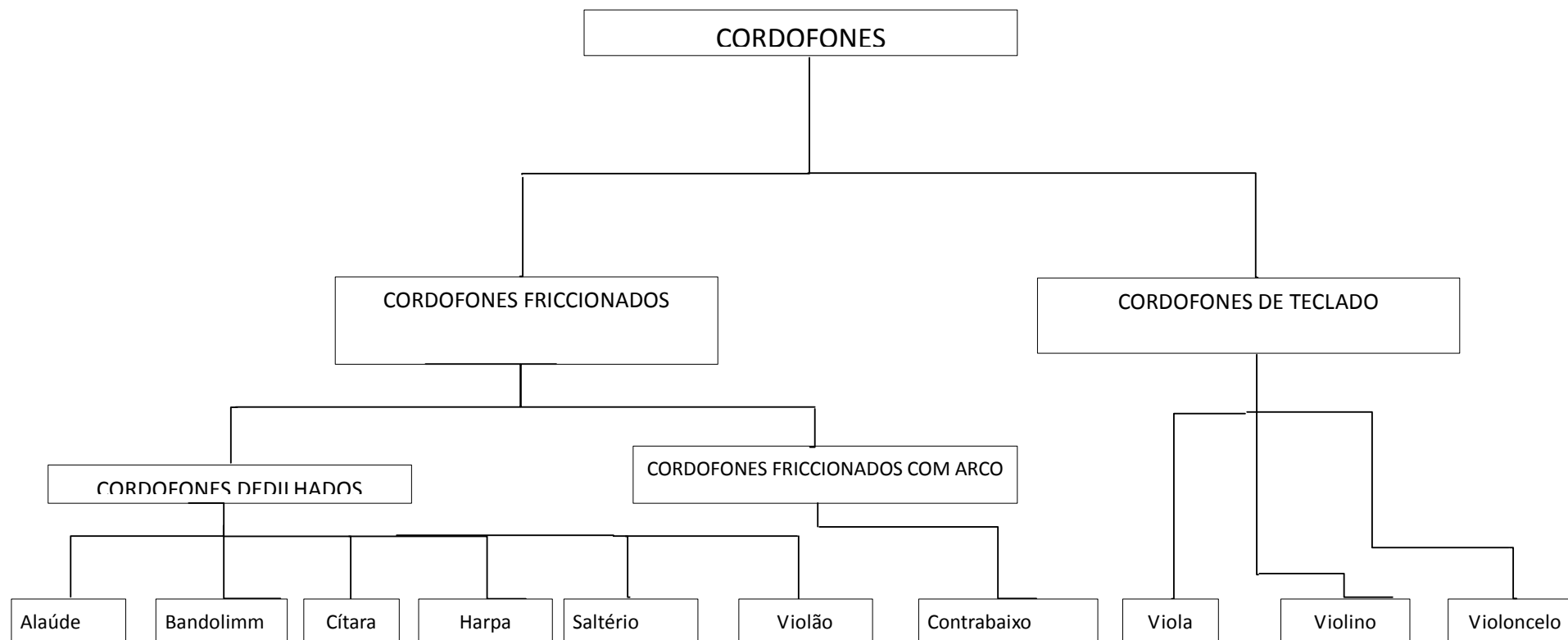
PIRES, Sérgio. O Te Deum (em lá menor) de Lobo e Mesquita (1746?-1805) : edição crítica e notas para uma performance historicamente informada. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1. abr, 2010. Disponível em <<http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm23-1/rbm23-1-02.pdf>> Acesso em 29 nov. 2012

PÁSCOA, Márcio. A ópera como reflexão sobre a construção do espaço e da identidade na Amazônia do século XIX. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, jan./jun. 2011 . Disponível em: <<http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm24-1/rbm24-1-04.pdf>>. Acesso em 29 nov. 2012.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Rev. Antropol**, 2001. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012001000100007>>. Acesso em 8 set. 2012.

VERZONI, Marcelo. Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth: duas mentalidades e dois percursos. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm24-1/rbm24-1-07.pdf>> . Acesso em 29 nov. 2012.

Taxonomia de instrumentos de cordofones
Baseado na Sistemática de Classificação Hornbostel-Sachs



Fonte: Adaptado DE HORNBOSTEL; SAC

ANEXO 1:

Classificação Resumida dos Instrumentos Musicais de acordo
com Hornbostel-Sachs.

Tradução por Eduardo Monteiro (Neves, E. M.)

1. Idiofones

São os instrumentos cujo som é produzido pelo próprio material constitutivo do instrumento, sem que haja necessidade da presença de membranas ou cordas esticadas para tal.

11 Idiofones golpeados.

O instrumento é posto em vibração ao ter seu corpo percutido. [pratos de choque ou pratos a2]⁹.

111 Idiofones diretamente golpeados.

O músico executa o golpe, seja através de baquetas, teclados ou puxando cordões. O que importa é que o músico possa percuti-lo diretamente em golpes individuais claramente definidos e que o próprio instrumento seja feito para isso.

111.1 Idiofones percutidos e simultaneamente chacoalhados..

Duas ou mais partes complementares e sonoramente interdependentes são percutidas ou chacoalhadas uma contra a outra. (castanhetas, pratos, chocalhos).

111.2 Idiofones percutidos.

O instrumento é percutido por objeto não sonoro (mão, baqueta ou maceta) ou contra objeto não sonoro (corpo ou terreno) (triângulo, xilofone, troceno, gongos, sinos) [prato].

112 Idiofones de percussão indireta.

O músico não executa movimento que resulte no golpeamento do instrumento. A percussão acontece indiretamente como consequência de outro tipo de movimento do músico. Dependendo do tipo de instrumento, resultam complexos sonoros ou de ruído, e não golpes individuais.

112.1 Idiofones sacudidos ou chacoalhados.

112.2 Idiofones raspados (matraca, reco-reco).

112.3 Idiofones seccionados (arco de caboclinho)¹⁰

⁹ Fonte: Pedro Sá, 2013.

¹⁰ Fonte: Tiago de Oliveira Pinto, 2001.

12 Idiofones tangidos.

São linguetas, ou seja, plaquetas elásticas fixadas por apenas um dos lados que, quando flexionadas retornam à posição de repouso graças à sua elasticidade.

121 Em forma de moldura.

A lingueta vibra dentro de uma moldura ou arco.

121.1 *Cricri*. A lingueta é esculpida de uma casca de fruta, que serve como ressoador.

1

121.2 *Tambor de boca*. A lingueta repousa dentro de uma moldura em forma de haste ou de plaqueta e depende da cavidade bucal do músico como ressoador.

122 Em forma de tábua ou pente.

As linguetas são atadas a uma tábua ou esculpidas de uma tábua como os dentes de um pente.

13 Idiofones de fricção.

O instrumento é posto a vibrar por meio de fricção.

131 Bastões de fricção.

132 Placa de fricção.

133 Recipientes de fricção (casca de tartaruga).

14 Idiofones eólicos.

São instrumentos postos em vibração ao serem soprados.

141 Bastões eólicos.

142 acas eólicas.

2. Membranofones:

São instrumentos nos quais o som é gerado pela vibração de uma membrana fortemente esticada.

21 Tambores percutidos.

211 Tambores diretamente percutidos.

211.1 Tímpanos (o corpo tem forma de panela ou de tacho) [baz, naqqara]

211.2 Tambores tubulares.

211.21 Tambor cilíndrico (crivador, cupiúba, macaco, ilú). [dog-dog]

211.22 Tambores em forma de barril.

O diâmetro no meio do instrumento é maior do que na extremidade. O corpo é curvilíneo (atabaque, batá).

211.23 Tambores de dupla conicidade.

O diâmetro no meio é maior do que na extremidade. O corpo é retilíneo com perfil anguloso.

211.24 Tambores em forma de ampulheta.

O diâmetro no meio é menor do que na extremidade.

211.25 Tambores em forma de cone (timbal).

As extremidades têm diâmetros muito desiguais. Pequenas diferenças de conicidade, por serem inevitáveis, são desconsideradas.

211.26 Tambores em forma de taça (darabuka).

O corpo do tambor consiste em uma parte principal em forma de taça ou cilíndrica e de uma haste. Desvios na forma básica, como encontrados na Indonésia, não alteram a classificação, contanto que a forma cilíndrica não seja alcançada.

211.3 Tambores de pele emoldurada (caixa, pandeiro, adufe) [Riq]¹¹

A altura do corpo é igual ou menor ao diâmetro da membrana.

212 Tambor de chocalho.

22 Tambores tangidos.

23 Tambores de fricção.

231 Tambores de fricção com bastão (cuíca).

Um bastão em contato com a pele é friccionado, o que põe a pele em vibração.

¹¹ No caso do Riq ele pode ser classificado também como membranofone/idiofone. Fonte Pedro Sá, 2013.

24 Membranas cantantes (Mirlitons).

A membrana é posta em vibração pela voz falada ou cantada. Não é gerada uma nota própria nesta vibração, mas tão somente uma coloração da voz.

3. Cordofones:

[São instrumentos constituídos de] uma ou mais cordas esticadas entre dois pontos fixos.

31 Cordofones simples, ou cítaras.

O instrumento consiste em um suporte para as cordas com ou sem ressoador, este quando existente não integrado ao suporte das cordas, de tal maneira que uma eventual remoção do ressoador não destrói o instrumento em si.

311 Cítaras de bastão.

O suporte das cordas tem forma de bastão ou de cantoneira.

311.1 Instrumentos em forma de arco (berimbau de barriga, urucungo).

O suporte das cordas é flexível e curvo.

311.2 Bastões musicais.

O suporte das cordas é rígido.

312 Cítaras tubulares (Madagascar).

O suporte das cordas consiste em uma superfície abobadada.

313 Cítaras-jangada (múltiplos tubos).

O suporte das cordas consiste em múltiplos tubos fixados uns aos outros em forma de jangada.

314 Cítaras retas ou em forma de tabuleiro. [cítara, saltério].

O suporte das cordas é um tabuleiro. O chão também é considerado como tal.

315 Cítaras de cocho ou abauladas (viola de cocho).

As cordas são esticadas sobre a abertura de uma superfície em forma de concha.

316 Cítaras de quadro.

As cordas são esticadas sobre um quadro aberto.

32 Cordofones compostos.

São instrumentos onde o suporte das cordas é integrado ao ressoador, de tal forma que a remoção deste implica na total destruição do instrumento.

321 Alaúdes.

As cordas mantêm-se paralelas ao tampo do instrumento.

321.1 Alaúde de arco.

Cada corda tem seu próprio suporte flexível.

321.2 *Lira* As cordas têm seu suporte em forma de garfo, o qual se encontra no mesmo plano do tampo harmônico.

321.3 Alaúdes de alça (saz, ud, viola, violino) [promenade-violon, aktara sarangi, bandolim, banduitarra, banjo, violão, sitar, hu-chin, yne chin, mayuri vina, kemangeh agouz].

O suporte das cordas é uma alça simples. Aqui não se diferencia a presença ou não de alças ou braços subsidiários. Da mesma forma pertencem a esta categoria alaúdes cujo cabeçote tem função meramente ornamental.

322 Harpas.

As cordas são dispostas perpendicularmente¹² ao tampo harmônico. A disposição da parte inferior das cordas forma uma linha apontando para o pescoço do instrumento.

323 Alaúdes-harpa.

As cordas são dispostas perpendicularmente ao teto. A linha que une os pontos de fixação da parte inferior das cordas seria perpendicular ao pescoço do instrumento. Ponte dentada.

4 Aerofones

[São instrumentos onde] o próprio ar entra primariamente em vibração.

41 Aerofones livres.

O ar vibrante não é confinado pelo instrumento.

411 Aerofones de desvio livres (chicote).

¹² Uma ressalva parece caber aqui, pois as cordas da harpa moderna são na verdade enviesadas em relação ao tampo harmônico N do T

O ar atinge um gume ou uma ponta afiada é movida através do ar. Segundo recentes descobertas, dá-se um desvio periódico do ar em ambos os flancos do gume.

412 Aerofones de interrupção livres.

A corrente de ar é periodicamente interrompida.

412.1 Aerofones idiofônicos de interrupção ou linguetas¹³ (gaita de boca, harmônio, tubos “*Zungenpfeiffe* ou lingueta” de órgão).

A corrente de ar atinge uma lingueta. Esta põe-se a vibrar, interrompendo periodicamente o fluxo de ar. A esta categoria pertencem também linguetas com extensões¹⁴, ou seja, tubos nos quais o ar vibra não primária, mas sim secundariamente, mesmo se, ao invés de gerar o próprio som, ele só o arredonda e colore. Essas extensões são geralmente acompanhadas de ausência de orifícios para os dedos.

412.2 Aerofones de interrupção não idiofônicos (zunidor, sirene).

O interruptor se move sem a intervenção do ar.

413 Aerofones plosivos¹⁵.

O ar é posto a vibrar por um único choque de compressão.

42 Instrumentos de sopro propriamente ditos.

O ar vibrante é confinado ao próprio instrumento.

421 Aerofones de gume ou flautas.

Uma corrente de ar em forma de faixa encontra um gume.

421.1 Flautas sem aeroduto (flauta transversal, ocarina, ney, Turquia) [Kavall, di-zi].

O próprio músico gera uma corrente de ar em forma de faixa.

421.112.12 Flautas de Pan [hatong]

Diversos tubos são amarrados uns aos outros

13 No original *Selbstklingende Unterbrechungsaerophone oder Zungen*. A versão inglesa aqui parece descrever bem a maneira como o som se produz com a expressão *Idiophonic interruptive aerophones or reeds*, razão pela qual a adotei.

14 No original em alemão *Aufsätze*, aqui se referindo às extensões dos tubo de órgão do tipo “lingueta”, cujas extensões, em maior ou menor tamanho, têm por função emprestar colorido ao timbre original.

15 No original *Explosivaerophone*.

421.2 Flautas de bisel, ou com aeroduto [Quena, tibia].

Uma pequena fenda conduz o ar em forma de faixa contra a ponta afiada de um orifício lateral.

421.21 Flautas com aeroduto externo (uruá, Xingu).

O canal se encontra na parte externa à parede da flauta. O grupo inclui também flautas com um duto chanfrado na parede do instrumento em forma de anel.

421.22 Flautas com aeroduto interno (flauta doce [sorlings]).

O duto encontra-se na parte interna do tubo. Ao grupo também pertencem flautas, cujo canal é formado por um defletor natural (nó da madeira ou acúmulo de resina) na parte interna do tubo ou por uma cobertura a ele amarrada (de junco, madeira ou couro)

421.222.11 Flautas com aeroduto interno e bisel agrupadas [Calíope]

422 Palhetas.

[Aqui teremos descrição de palhetas duplas e simples].

422.1 Oboés ([fagotes]).

O ar faz com que duas lingüetas vibrem por concussão uma contra a outra, provocando a passagem intermitente do ar, o que o põe em vibração. Esse dispositivo, conhecido como palheta dupla, é o mais das vezes feito a partir de um canudo achatado.

422.2 Clarinetas ([saxofones] [corno de basseto], [clarineta alto]).

O tubo conta com uma lingüeta percussiva simples.

423 Trompetes.

O ar, passando pelos lábios em vibração do músico, alcança intermitentemente a coluna de ar, que desta maneira é posta a vibrar.

423.1 Trompetes naturais (Talumbeta, Moçambique, [corneta]).

Não possui dispositivos que permitam alterar a altura do som.

423.2 Trompetes cromáticos (trompa, trombone a pistões¹⁶, tuba, sax-horn, bombardino)

Possui dispositivo que permite variar a altura do som.

423.271 Trompetes cromáticos com mecanismo de chaves (Oficleide).

¹⁶ Trombones de vara são classificados como *Zugtrompeten* em 423.22.

[5 Automatofones]

São instrumentos musicais cujo som é produzido de forma automática e mecanicamente, geralmente sem ser necessário um intérprete. (TRINDADE, 2011, p. 25).

51 Fonógrafo de Edison.

Uma agulha de metal risca um cilindro revestido de cera, que gira pela ação de um mecanismo de corda. No cilindro estão registradas em forma de sulcos as vibrações transmitidas quando do processo de gravação. O cilindro, girando à mesma velocidade da gravação, faz com que a agulha de metal vibre, transmitindo suas vibrações mecanicamente a um pavilhão, que as amplifica acusticamente.

FONTE: HORNBOSTEL, Erich M. von & SACHS, Curt Sachs. *Systematik der Musikinstrumente. Ein Versuch*, vol. xlvii, 1914, pp.553-590. Tradução de Neves, E. M. (2013)

Eduardo Monteiro é professor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro e atualmente trabalha na tradução de toda a classificação Hornbostel-Sachs para o português. Tradução feita a partir do original em alemão, confrontada a tradução para o inglês por Anthony Baines e Klaus Wachsmann, *Galpin Society Journal* (1961), 14: 3-29 N. do T.